



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS
HUMANAS DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

**Espacialidades agroecológicas e permaculturais na ecovila Bom Lugar,
Pedro de Toledo, SP**

SÃO PAULO
2024

**Espacialidades agroecológicas e permaculturais na ecovila Bom Lugar,
Pedro de Toledo, SP**

Trabalho de Graduação Individual (TGI)
apresentado ao Departamento de Geografia da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas, da Universidade de São Paulo, como
parte dos requisitos para obtenção do título de
Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Júlio César Suzuki

SÃO PAULO
2024

LIMA, N. B. **Espacialidades agroecológicas e permaculturais na ecovila Bom Lugar, Pedro de Toledo, SP.** 2024. Trabalho Individual de Graduação - Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), São Paulo, 2024

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e a todas as entidades que são boas, e todas as que são, pois a criação colocou o que ela tem de melhor em tudo, o amor. Agradeço a meus pais, a minha companheira, meus amigos, e a todos da comunidade, e amigos, da ecovila Bom Lugar. Este mundo pode estar acabando, mas devemos amar a Deus, a criação e aos nossos irmãos, que essas são nossas luzes neste mundo de ilusão. E amor é ação.

RESUMO

O presente trabalho tece uma análise sobre a construção de espacialidades agroecológicas e permaculturais na ecovila Bom Lugar, no município de Pedro de Toledo, São Paulo. As dinâmicas do sistema capitalista vêm rumando em direção ao aprofundamento das crises socioambientais e socioeconômicas. Nessa esteira também se avolumam os movimentos contraculturais, muitos desses se especializam de maneira significativa, buscando criar e viver formas e práticas contra-hegemônicas. Essas manifestações socioespaciais contraculturais serão concebidas enquanto espacialidades, contrastes singulares dentro de um macrossistema que determina a existência humana segundo interesses dominantes. Nesse sentido, o presente trabalho tem como intuito discutir sobre aspectos ecológicos e socioespaciais, em especial a promoção de formas contra hegemônicas de produção do espaço, levando em conta aspectos relacionados a agroecologia e a permacultura como a utilização dos recursos naturais, formas de organização e dinâmicas sociais, no terreno em que se encontra ecovila Bom Lugar. Primordialmente foram realizadas a pesquisa de levantamento bibliográfico, observação participativa, e observação sistemática enriquecida por series fotográficas, entrevistas e de uma oficina de cartografia social. Revelando a comunidade como autêntica construtora de espacialidades agroecológicas e permaculturais, e contribuindo para o debate sobre a conservação da mata atlântica e o desenvolvimento humano no Vale do Ribeira, e acerca de alternativas ao atual modelo civilizatório em crise.

Palavras-chave: Agroecologia; Permacultura; Espacialidades; Ecovilas; Ecologismo.

ABSTRACT

This work provides an analysis of the construction of agroecological and permacultural spatialities in the ecovillage Bom Lugar, located in the municipality of Pedro de Toledo, São Paulo. The dynamics of the capitalist system have been moving towards deepening socio-environmental and socio-economic crises. Alongside this, countercultural movements are also growing, many of which specialize significantly in creating and living out counter-hegemonic forms and practices. These countercultural socio-spatial manifestations will be understood as spatialities, unique contrasts within a macro system that determines human existence according to dominant interests. In this sense, the purpose of this work is to discuss ecological and socio-spatial aspects, particularly the promotion of counter-hegemonic forms of spatial production, considering factors related to agroecology and permaculture, such as the use of natural resources, organizational forms, and social dynamics, on the land where the ecovillage Bom Lugar is situated. Primarily, bibliographic research, participatory observation, and systematic observation enriched by photographic series, interviews, and a social cartography workshop were conducted. This reveals the community as a genuine builder of agroecological and permacultural spatialities, contributing to the debate on Atlantic Forest conservation and human development in the Vale do Ribeira, as well as exploring alternatives to the current crisis-ridden civilizational model.

Keywords: Agroecology; Permaculture; Spatialities; Ecovillages; Ecologism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1. PRODUÇÃO CAPITALISTA DO ESPAÇO: CRISES E MAL-ESTAR.....	8
1.1 A “Revolução Verde” e seus problemas socioambientais.....	12
2. ECOVILAS: CONTRACULTURAS ESPACIAIS.....	15
2.1 Agroecologia.....	19
2.2 Permacultura.....	22
3. O CASO DA ECOVILA BOM LUGAR.....	25
3.1 Contexto socioespacial.....	25
3.2 Espacialidades agroecológicas e permaculturais.....	28
3.3 Mapeando a ecovila.....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS.....	61
APÊNDICES	
Transcrição da entrevista 1.....	55
Transcrição da entrevista 2.....	57
Modelo termo de autorização de uso de imagens e depoimentos.....	68

INTRODUÇÃO

Frente a diversas crises sociais, econômicas, ecológicas, climáticas, políticas, sanitárias, a sociedade contemporânea manifesta abundantes críticas e experimenta com novas formas de organização espacial e social para encontrar alternativas às formas individualistas, aos padrões de consumo, comportamento e produção, que se mostram tão prejudiciais à saúde psíquica e física dos seres humanos, assim como ao equilíbrio e manutenção dos ambientes, a biodiversidade e a estabilidade climática do planeta.

O presente trabalho tem como intuito discutir sobre aspectos ecológicos e socioespaciais, em especial a promoção de formas contra hegemônicas de produção do espaço, levando em conta aspectos relacionados a agroecologia e a permacultura como a utilização dos recursos naturais, formas de organização e dinâmicas sociais, no terreno em que se encontra ecovila Bom Lugar.

Localizada no município de Pedro de Toledo, próxima ao litoral sul do estado de São Paulo, a ecovila Bom Lugar está localizada na região rural do Vale do Ribeira, que possui o menor IDH do estado, e é necessitada de desenvolvimento humano e social, além de cuidados com a conservação da natureza, uma vez que se destaca por abrigar um dos maiores remanescentes de Mata Atlântica contígua do Brasil.

Sendo assim, tal comunidade se constitui em um interessante caso para a análise das espacialidades agroecológicas e permaculturais na realidade brasileira, e para o estudo de formas alternativas de organização, construção e resignificação do espaço geográfico, que fazem oposição aos massificados modos de vida, de organização espacial e de relação com a natureza. Concebendo espacialidade assim como Colucci e Souto (2011): “contrastes singulares, ou seja, novas maneiras de reconstrução da existência: novos padrões culturais, novas tradições político-sociais, novas padronizações no uso dos recursos naturais”.

Para esse fim a metodologia do trabalho se baseou em pesquisa de levantamento bibliográfica e documental, e *in loco*, através de três visitas a campo com duração de dois a quatro dias cada, contando com a técnica de observação participativa, e de observação sistemática (Venturi, 2011), a qual foi operacionalizada por instrumento de registro de observações, a saber, o caderno

de campo e a câmera fotográfica. Deu-se a análise de alguns aspectos relacionados à forma de uso dos recursos naturais, as técnicas de manejo e a relação entre os envolvidos nos processos de trabalho, inclusive a forma como ocorre a divisão social do trabalho. Também foram conduzidas entrevistas, com alguns moradores e integrantes da comunidade. Estas foram guiadas por roteiro semiestruturados, gravadas e transcritas. Ademais foi realizada uma oficina de cartografia social participativa, fazendo uso e concebendo-a como ferramenta de grande valia para capturar sensibilidades e experiências dos sujeitos em relação a sua vivência espacial e comunitária (Bonfá Neto; Suzuki, 2020).

A proximidade do pesquisador com o local e a comunidade de estudo, considerando que já a sete anos visita a comunidade em eventos e vivências, se compõe como aspecto adicional de dificuldade durante o estudo. A busca pela superação dessa, se deu pelo atento aos procedimentos metodológicos pré-estabelecidos no percurso do trabalho.

Dessa maneira, este trabalho está constituído a partir da seguinte estrutura:

O primeiro capítulo discorre a respeito da produção capitalista do espaço explorando como o capitalismo molda o espaço geográfico, resultando em crises socioeconômicas e socioambientais. Analisa as consequências do sistema capitalista no Brasil, destacando a desigualdade, a precarização das condições de vida nas cidades e os impactos ambientais negativos da agricultura industrial e da exploração de recursos naturais.

O segundo capítulo aborda o surgimento e o desenvolvimento das contraculturas espaciais, como resposta às problemáticas geradas pela produção capitalista do espaço. Essas, se relacionam com os movimentos contraculturais que ganharam força na década de 1960, que incitaram o surgimento de microexperimentos comunitaristas que buscam alternativas ao atual modelo civilizatório em crise (Silva, 2013). As ecovilas são apresentadas como uma das principais manifestações das contraculturas espaciais, sendo comunidades intencionais que visam a sustentabilidade e a harmonia com o ambiente (Santos Junior, 2016). O capítulo também explora a agroecologia e a permacultura como práticas e conceitos fundamentais adotados por essas comunidades para promover um estilo de vida sustentável e socialmente justo.

No terceiro capítulo, é feita uma contextualização socioespacial da região

em que a comunidade está inserida, seguida pela análise e documentação das espacialidades agroecológicas e permaculturais observadas, assim como uma exposição e análise dos resultados obtidos durante a oficina de cartografia social.

1. PRODUÇÃO CAPITALISTA DO ESPAÇO: CRISES E MAL-ESTAR

Para a Ciência Geográfica, o espaço não é simplesmente um meio inerte, passivo, onde atividades humanas ocorrem, mas é ativamente produzido, transformado e moldado pela interação dessas com o resto da natureza. Moraes (1988, p. 15) nos coloca que “O espaço produzido é um resultado da ação humana sobre a superfície terrestre que expressa, a cada momento, as relações sociais que lhe deram origem”

Atualmente, a produção do espaço a nível global, é pautada pelo sistema político-econômico assentado na hegemonia do modo de produção capitalista, para servir aos seus interesses, de modo que as estruturas, formas e funções espaciais refletem e perpetuam a acumulação do capital, o controle social e a diferenciação de classes (Harvey, 2005).

O mundo contemporâneo vem se deparando com a existência, e a eminência, de sérias crises. Essas são de distintas esferas: ambientais, econômicas, sociais, urbanas, rurais, ideológicas etc. Não são fenômenos isolados, em verdade, há diversas correlações que às permeiam, porém a mais óbvia é a origem político-econômica que possuem. Dentro do debate acadêmico, diversos autores apontam para o avanço do modelo de produção e consumo capitalistas, como gênese das atuais crises. (Ferreira, 2017; Harvey, 2006; Maricato, 2001).

Dos países periféricos aos países centrais do capitalismo, se fazem sentir as consequências e as más perspectivas da exploração do homem sobre o homem e do homem sobre o resto da natureza. O ideário do desenvolvimento capitalista resultou em condições indignas de vida e trabalho para grande parte da população, assim como na massificação de modos de vida e ideologias consumista e individualistas, que levam a um mal-estar que se reflete em todas as esferas do tecido socioespacial.

O Brasil é um país que tem sua formação intrinsecamente ligada a história da formação do próprio sistema capitalista global. Afinal, foi em nome de atender a demanda por *commodities* como o tabaco, o café e a cana de açúcar, impulsionando o nascente capitalismo mercantil, que foram cometidos os primeiros atos de violência contra os ecossistemas, e os povos originários,

notadamente, o desmatamento, e a escravização e extermínio de indígenas para fins econômicos e controle de território. Atualmente o Brasil, assim como todos os outros países do mundo, segue inserido no sistema global capitalista (Jabbour; Gabriele, 2021), e dessa forma, segue refletindo em sua urbanidade, estratificação social e estrutura econômica as idiossincrasias da mercantilização do espaço, do trabalho e da vida.

A desigualdade, no caso brasileiro, atinge níveis pouco vistos mesmo em países periféricos, em que 64% da riqueza está nas mãos de apenas 1% da população, enquanto a metade mais pobre de todos os brasileiros, detêm apenas 2% da riqueza nacional (Desigualdade, 2017). Com relação a pobreza, a fome ainda assola milhões de brasileiros, e a insegurança alimentar, dezenas de milhões.

As cidades brasileiras, onde habita a grande maioria da população, são lugares apropriados para analisar como o capitalismo produz o espaço, e quais consequências isso cria para as condições de trabalho, habitação, deslocamento e vida dos brasileiros. Atualmente, principalmente as grandes cidades, são palco de segregação e exclusão social e espacial, desigualdades socioeconômicas gritantes, déficit habitacional, moradias precárias e/ou em locais de risco, desemprego, falta de saneamento básico, fome, insegurança alimentar, deslocamento pendulares caros e demorados, altos custos de vida, violência, escassez de serviços e infraestrutura básicas, entre outras mazelas e dificuldades que afetam a população brasileira, em muito maior intensidade as camadas mais pobres da sociedade.

A esse quadro se somam problemas socioambientais, como a poluição dos recursos hídricos, do solo e do ar, que podem causar por exemplo doenças respiratórias, e das mudanças climáticas globais, que vem gerando com cada vez maior constância eventos climáticos extremos como prolongadas estiagens e intensos eventos pluviais, causando interrupções no fornecimento de água e inundações que ocasionam mortes, desabastecimento, caos social e prejuízos econômicos para cidadãos, empresas e o Estado. Além de um cenário de acirramento das reformas neoliberais (reforma da previdência; reforma trabalhista; teto de gastos; privatizações e concessões; lei de autonomia operacional e decisória do Banco Central do Brasil) que promovem a precarização do trabalho, e limitam a capacidade de investimento e influência do estado sobre a economia,

além de intensificar a lógica mercantil do processo de produção do espaço urbano (Ferreira e Ferrara, 2015).

Ermínia Maricato (2015, p. 13), descreve a situação urbana brasileira como tragédia:

[...] para entender a tragédia urbana entre nós, o terceiro texto versa sobre um pano de fundo que marcou a segunda metade do século XX e está mais presente do que nunca no século XXI: Globalização e política urbana na periferia do capitalismo. A queda do Welfare Staten e ascensão do neoliberalismo tiveram consequências muito conhecidas: desregulamentações, privatizações, precariedade nas relações de trabalho, ampliação da concentração de capitais, ampliação dos mercados, ampliação da desigualdade, hegemonia do capital financeiro, enfraquecimento dos sindicatos e partidos de esquerda, mudança na geopolítica mundial, entre outras. As cidades na globalização também se tornaram objetos de estudos específicos, já que a reestruturação produtiva tem forte impacto sobre o território, e os ajustes impostos pelo ideário neoliberal enfraqueceram os investimentos em políticas sociais; entre elas figuram as políticas urbanas estruturadoras como: transporte, habitação e saneamento.

Para além do contexto urbano, a questão ambiental também se faz latente no Brasil. Ademais dos efeitos já sentidos das mudanças climáticas globais como ocorrência de elevadas temperaturas, aumento na intensidade e frequência de estiagens, tempestades, o avanço do modo de produção e consumo capitalista sobre os meios rurais e naturais do país, se constitui como a grande ameaça as formas de vida e ecossistemas. É em nome da especulação financeira e da abertura de novas áreas agrícolas produtivas visando a exportação e os mercados globais de *commodities*, que as formações vegetais do território nacional, como a amazônica e os cerrados vem sendo incineradas e desmatadas. Esse processo, além de causar a perda de reservas de carbono e emissão de gases de efeito estufa e terem potencialidade de levar a entropia e desertificação de biomas inteiros como o amazônico, levam a perda da biodiversidade, extinção de espécies, degradação dos solos, redução da infiltração de água que abastece os aquíferos, alteração nos ciclos hídricos (rios voadores), conflitos com comunidades tradicionais (indígenas, quilombolas, caiçaras, ribeirinhos, sertanejos etc.), e outros impactos socioambientais negativos.

A atividade mineradora no país, também se perfaz como um ramo da produção capitalista de *commodities* para exportação, que tem gerado impactos socioambientais negativos significativos. A saber: degradação dos ambientes, a

poluição e contaminação dos recursos hídricos e do solo, conflitos com povos tradicionais, mortes e perdas econômicas decorrentes do rompimento de barragens contentoras de rejeitos de mineração.

Emanuel Wallerstein nos chama a atenção para a gênese desses dilemas ambientais explorando sua inserção dentro do sistema da economia-mundo capitalista:

Os dilemas ambientais que enfrentamos hoje são resultado direto do fato de vivermos numa economia-mundo capitalista. Enquanto todos os sistemas históricos anteriores transformaram a ecologia, e mesmo alguns deles destruíram a possibilidade de manter um equilíbrio viável (...), somente o capitalismo histórico, pelo fato de ter sido o primeiro sistema a ter englobado a terra e expandido a produção (e a população) a uma taxa antes inimaginável, ameaçou a possibilidade de existência futura viável de toda a espécie humana. O fez essencialmente porque os capitalistas neste sistema conseguiram neutralizar a capacidade de todas as outras forças de impor restrições às suas atividades em nome de quaisquer valores outros que não a acumulação incessante de capital (Wallerstein, 2002, p. 117).

Esse estado de coisas, de crises crônicas e vindouras, se soma, ou se reflete, em um mal-estar cotidiano em diversas sociedades que vem se avolumando há muitas décadas, principalmente a partir da segunda metade do século XX. Os modos de vida massificados, calcados no consumismo, no individualismo, na alienação e na mercantilização da vida e do espaço, em que o cotidiano é afetado e moldado pelas forças do capitalismo, da burocracia, da tecnologia e da ideologia, resultaram em um *zeitgeist* marcado, em parte, por sentimentos de vazio existencial, falta de sentido e desesperança. Esses, se fazem também, fatos sociais e culturais, gerando crises nas esferas da filosofia, artes, ciências, religião, valores e ideias (Lefebvre, 1991).

1.1 A revolução verde e seus problemas socioambientais

É a chamada agricultura convencional que representa o ápice da produção capitalista do espaço no meio rural brasileiro. É, portanto, de especial importância dentro do quadro da problemática socioambiental contemporânea do país e para a compreensão e análise dos fenômenos socioespaciais contraculturais, como é o caso das ecovilas.

Esse modelo de produção agropecuária começou a ser desenvolvida nos países centrais do capitalismo na década de 1950, possibilitada em parte pelo desenvolvimento, durante a segunda guerra mundial, de produtos químicos que viriam a originar novos pesticidas, fertilizantes e outros agroquímicos (Rosa, 1998), e das redes e tecnologias de transporte marítimo que viabilizaram a distribuição de produtos agrícolas a longa distância.

Durante a segunda metade do século XX outros países periféricos, como o Brasil, começaram adotar tal modelo, incentivados por propostas da FAO e de instituições estadunidenses governamentais e privadas, como as fundações Rockefeller e Ford, que indicavam a necessidade de adoção do uso intensivo e generalizado na agricultura de insumos químicos, maquinários pesados e variedades agrícolas selecionadas e manipuladas, para reduzir a fome nessas localidades (Rosa, 1998).

Esse processo foi aclamado como *A Revolução Verde*, termo que exalta o aumento da capacidade produtiva advinda dessa modernização agrônômica que trazia como promessa acabar com a fome no mundo. Apesar da rápida e potente disseminação desse pacote tecnológico pelo globo estar relacionada ao ímpeto lucrativo da abertura de uma nova fronteira de acumulação capitalista (Andrades e Ganimi, 2007), também se faz importante analisá-la em relação à polarização ideológica do período pós-guerra, no qual a fome e a desnutrição se constituíam como grandes fatores de tensionamento político. Nesse cenário, o mito da revolução verde foi, desde seu princípio, um mascaramento do caráter político-econômico que permeia a problemática da falta de alimentos, tratando-a como uma questão unicamente técnico-científica. Além de uma revolução tecnológica, foi uma contrarrevolução nas relações de poder, através do uso da tecnologia (Porto-Gonçalves, 2006).

A Revolução Verde logrou aumentar a produtividade agrícola, porém não

acabou com fome e ademais, trouxe altos custos para a natureza, os pequenos produtores e a saúde pública. A agricultura (atualmente) convencional, também chamada de agricultura industrial, possui características únicas em relação a utilização intensiva da técnica e da primazia de relações comerciais pautadas por grandes instituições financeiras e corporações transnacionais: dominância de agrossistemas monoculturas de larga escala, assentados na compra de sementes transgênicas e híbridas que a cada safra devem ser adquiridas de empresas que dominam as biotecnologias e patentes necessárias a sua produção; uso intensivo de recursos hídricos e insumos como combustíveis fósseis, rações, fertilizantes, agrotóxicos e corretores de solo; Mecanização de diversas fazes da produção; patentes internacionais de proteção de propriedade intelectual (químicos, genéticas, maquinário).

No caso brasileiro, país que nasce e se perpetua no sistema colonialista do capitalismo mundial, a revolução verde encontrou “terreno fértil” pois pôde se aproveitar de, e acabou por exacerbar, dinâmicas socioeconômicas e características pré-existentes da produção agrícola e do espaço rural brasileiro: a concentração fundiária e de renda, o êxodo e a subordinação da agricultura a mercados mundiais e indústrias transnacionais controlados pelo grande capital, em detrimento do abastecimento interno.

A adoção e priorização da agricultura industrial passou a se intensificar já no início do regime militar, a exemplo da criação, em 1965, do Sistema Nacional de Crédito Rural. Já na década de 1970, o estímulo à agricultura convencional já se constituía como um dos pilares do chamado “milagre econômico”, a partir de diversos incentivos e aportes econômicos e técnicos à modernização, principalmente dos latifúndios, presentes nos grandes Planos Nacionais de Desenvolvimento e na criação de instituições como a Embrapa, por exemplo.

Tendo seu desenvolvimento fortemente apoiado na produção em larga escala e na pesquisa científica, a Revolução Verde representa um processo de apropriação e ressignificação dos espaços rurais e naturais do Brasil e do mundo pelo capital e pela indústria. E, através da expansão do mercado de terras e da fronteira agrícola, da artificialização da produção, e da total proeminência epistemológica do Homem sobre o resto da natureza, esse processo vem gerando grandes malefícios à vida, à biodiversidade, ao equilíbrio dos ecossistemas e do clima do planeta, e a saúde pública.

A monocultura, para ser viável economicamente, exige grandes áreas, sobrevivendo neste sistema apenas grandes produtores. Para otimizar a produção e a colheita são utilizadas grandes e pesadas máquinas que compactam o solo, danificando sua estrutura física, reduzindo a sua capacidade de armazenamento de água e nutrientes, e diminuindo sua atividade biológica. Além destes efeitos no solo, estas máquinas substituem a mão-de-obra de milhares de trabalhadores. Como os solos se tornam degradados, são sempre necessárias novas áreas, e para isto florestas são derrubadas, ameaçando não somente as espécies vegetais, mas também animais, além de comprometer a proteção dos rios e do solo e a qualidade do ar. (Primavesi, 1987; Leonardos, 1999 *apud* Pedroso, 2001, p.35)

No Brasil, o avanço das grandes plantações monoculturas mecanizadas intensivas em insumos, talvez o elemento mais imediatamente perceptível das paisagens moldadas pela agricultura convencional, também chamados de desertos verdes, além de ameaçarem a existência de reservas de biodiversidade e cultura (Porto-Gonçalves, op. cit.), causam contaminação dos recursos hídricos e dados alarmantes de intoxicação por agrotóxicos entre trabalhadores rurais e consumidores (Bombardi, 2011). Ademais, esse tipo de agro ecossistema não é tão resiliente como se publiciza, uma vez que gera condições ideais para a proliferação e surgimento de pragas devido a sua reduzida biodiversidade e nem a aplicação extensiva de agrotóxicos pode solucionar essa questão, como é visível no caso do Mal-do-Panamá (que afeta algumas variedades de banana), ou da Vassoura-de-bruxa (que afeta as plantações de cacau).

As técnicas industriais de manejo agrícola e o ímpeto lucrativo e especulativo capitalista resultam, em maior ou menor escala, no esgotamento, compactação e erosão do solo, desertificação de ambientes, poluição dos recursos hídricos, do solo e da atmosfera, desmatamento e queimadas, degradação de biomas, emissão de gases de efeito estufa, mudanças no regime de chuvas, conflitos com indígenas e outras comunidades tradicionais, entre outros efeitos socioambientais negativos.

2. ECOVILAS: CONTRACULTURAS ESPACIAIS

É a partir das problemáticas sociais, ambientais, urbanas, econômicas e políticas, geradas pela produção capitalista do espaço, que surgem as críticas ao atual modelo civilizatório, que por sua vez se manifestam em movimentos contraculturais que questionam a acumulação de riqueza, o atual paradigma de bem-estar material como sumo objetivo de vida, a degradação da natureza, entre outros aspectos da ideologia e da produção capitalista do espaço. Essas insatisfações, originalmente colocadas durante o afloramento da contracultura na década de 1960, se especializaram, criando fenômenos com expressão no espaço geográfico. Luís Fernando de Matheus e Silva (2013, p. 50) introduz o termo “contraculturas espaciais”, descrevendo-os como expressões pontuais de valores, princípios e práticas distintos daqueles que costumam guiar a produção capitalista do espaço.

As contraculturas espaciais se constituem como:

[...] microexperimentos de organização e produção socioespacial, geralmente de caráter comunitarista, que nascem como tentativas de subversão à ordem dominante, onde o nível privado e a esfera do cotidiano ganham primazia e tornam-se o lócus privilegiado no qual são experimentadas e desenvolvidas técnicas, práticas e solidariedades distintas daquelas que conformam a lógica homogeneizante, individualista e alienante encabeçada pela produção capitalista do espaço. (Silva, 2014, p.42).

Esses movimentos vêm se avolumando e ganhando força nas últimas décadas no Brasil, em parte, devido ao acirramento das formas políticas do estado neoliberal (Santos, 2023). Processo, caracterizado pela ampliação das desregulamentações, perda de direitos, privatizações e da especulação financeira, que desconsidera a necessidade de melhorias nos modelos de urbanidade e agricultura, e exacerba as mazelas e desigualdades socioeconômicas.

Também a nível mundial, frente incapacidade dos estados nacionais, por conta de interesses econômicos e geopolíticos diversos, de executarem as mudanças estruturais necessárias no modelo de produção e consumo vigente, para reverter ou frear a maioria das atuais crises socioambientais e socioeconômicas, multiplicam-se os espaços em que indivíduos e grupos buscam construir e experimentar formas contra hegemônicas de relações sociais,

produtivas e com o resto da natureza

Um dos pilares e aportes dos movimentos contraculturais, em geral, e também das contraculturas espaciais, é o pensamento ecologista, que reconhece a necessidade de mudanças nos padrões de consumo e produção por conta de suas relações diretas com a crise socioambiental. Também associando a noção de desenvolvimento social, é que se deriva o conceito de sustentabilidade que conclama a necessidade da criação de uma sociedade que não seja baseada na depredação da natureza e na exploração dos seres humanos. (Sachs,1993).

Um dos fenômenos socioespaciais contemporâneos, que pode ser visto como contraposição ou resposta ao atual macrossistema, que determina a existência humana de acordo com os interesses dominantes, e se caracteriza pela sanha do capitalismo globalizado neoliberal de exploração irracional e destrutiva dos bens naturais e dos seres humanos, individualismo, consumismo, suma mercantilização do espaço e das relações sociais e produtivas, é o das ecovilas.

Esse, que tem atraído considerável atenção da academia e da sociedade em geral nos últimos anos, pode ser visto como uma das mais atuais manifestações das contraculturas espaciais. Na síntese de Severiano José dos Santos Júnior, podemos conceber o fenômeno socioespacial das ecovilas como:

Em termos gerais, ecovilas podem ser consideradas como assentamentos humanos ou comunidades intencionais, presenciais, cujos princípios e práticas se voltam para a sustentabilidade, em diversas dimensões e níveis. Idealmente, o modelo das ecovilas é composto por grupos de pessoas que, por princípio, se juntam para viver um estilo de vida com base na criação de relações orgânicas e de baixo impacto com os ecossistemas e os contextos socioculturais nos quais estão inseridos (Svensson, 2002; Gilman e Gilman,1991; East, 2002; Dawson, 2006; Braun, 2005; Bang, 2005; Frainer, 2000, 2002, 2006 *apud* Santos Junior, 2016, p. 22).

Esses são espaços que tentam se constituir como “lugares zelosos”, nos quais os indivíduos buscam a criação de um novo ethos que fuja da desmesura tecnicista, na racionalidade excessiva, da supremacia do valor de troca, tentando sua superação com a construção de um ethos zeloso, baseado em uma fenomenologia do cuidado (Santos Junior, 2016), definida por Boff, como:

Por fenomenologia entendemos a maneira pela qual o cuidado se torna um fenômeno para a nossa consciência, mostra-se em nossa experiência e concretiza-se em nossas práticas. Não se trata, em fenomenologia, de pensar e falar sobre o cuidado como um objeto independente de nós, mas de pensar e falar a partir do cuidado como ele se realiza e se desvela em

nós mesmos (Boff, 2005, p. 28).

Em tais comunidades, a noção de desenvolvimento toma novos contornos, e passa a ser medido a partir da realização de potencialidades socioculturais e econômicas de uma sociedade em perfeita sintonia com o seu entorno ambiental. E acabam por ressignificar o espaço geográfico a partir de formas de vida e organização comunitárias alicerçadas em ideias comuns de pacifismo, ecologismo, e em noções de cooperação, solidariedade, gestão comum, igualdade de gênero, justa divisão do trabalho e desenvolvimento humano holístico.

Figuram entre as motivações de seus integrantes: o rechaço ao pensamento reducionista e dualista que separa a natureza e a sociedade como duas entidades distintas e estranhas entre si; o aumento dos desequilíbrios sociais; a perda dos sentidos coletivistas; a alienação; a sociedade de consumo associada a imperatividade da produção; e a desumanização instaurada na necessidade de sobrevivência cotidiana nos centros urbanos. (Santos Junior, 2016; Marques, 2019.).

Nesse sentido, as ecovilas e suas práticas socioespaciais e produtivas contra culturais, contra hegemônicas, serão concebidas como aportes para a existência de espacialidades de acordo como colocado por Colucci e Souto (2011):

Interessa-nos entender as espacialidades como contrastes singulares, ou seja, novas maneiras de reconstrução da existência: novos padrões culturais, novas tradições político-sociais, novas padronizações no uso dos recursos naturais, reformulação das relações de produção de bens e mercadorias, novas dinâmicas de distribuição das riquezas e de mobilidade social. As espacialidades são relações indevidas de produção da existência dentro de um macro sistema que determina a existência humana segundo interesses dominantes. (Colucci; Souto, 2011, p. 117)

Formas singulares de apropriação e utilização dos recursos em determinado espaço geográfico, são uma das marcas das espacialidades.

[As espacialidades, inclusive, podem ser consideradas como] formas de organização espacial datadas de outros momentos. Assim, uma espacialidade é uma certa forma de organização geral do espaço social que apresenta características predominantes que a qualificam e a diferenciam historicamente das outras. [...] Além disso, a noção de espacialidade traz consigo a ideia de processo em permanente movimento, ou seja, não se trata do espaço em si [...], mas do espaço na história, pensado como processo histórico, incluindo tanto o realizado

quanto o possível, num constante movimento dialético. Mesmo porque não existe espaço a priori, ele só pode ser pensado como espaço social, não sendo uma categoria independente da realidade. (Ramos, 1982, p. 68 *apud* Colucci; Souto, 2011, p. 117).

Essa condição das espacialidades também é o que a conecta com o resgate de saberes, técnicas, práticas, cosmologias e valores tradicionais, antigos, de sociedades pré-industriais e não-industriais, muitas vezes reformulados e sistematizados, com o fim de estabelecer relações fundamentadas no respeito e na convivência harmoniosa e sustentável entre os seres humanos e com o ambiente, seus bens naturais e seres vivos.

Existem diversos autores que consideram as ecovilas e outras espacialidades como de grande importância para a necessária busca dos indivíduos por uma sociedade mais justa e sustentável, alternativa a sociedade industrial tecnocrática. Esses pontos “fora da curva”, servem como laboratórios em que se formulam e se testam, através da prática, novas formas de ser e estar no mundo. É também através da construção comunitária de seus espaços de vida que os indivíduos produzem a si mesmos, revelando a potência do processo de produção do espaço para a exploração de novas estratégias alternativas e emancipatórias. (Harvey, 2006).

Para realizar essa subversão da atual relação entre a sociedade moderna e o restante do mundo natural, é que as ecovilas comumente fazem uso e tentam se apropriar de arcabouços teóricos, técnicos e éticos os quais norteiam e orientam as práticas econômicas, culturais, agrícolas, de construção, de organização social e espacial, de gestão hídrica, de dejetos, recursos, ambiental e paisagística.

Para esse fim, Dois desses arcabouços ou bases teóricas e conjunto de práticas serão abordados nessa pesquisa, no sentido de compreender como especializam-se e manifestam-se no cotidiano e do arranjo socioespacial no caso da ecovila Bom Lugar, no município de Pedro de Toledo: a Agroecologia e a Permacultura.

2.1 Agroecologia

Em meio as problemáticas socioambientais que permeiam a agricultura convencional, suas técnicas e modelos empresariais, é que surge a agroecologia, como antítese aos princípios da revolução verde (Altieri; Nicholls, 2017).

Para Petersen (2012), esse termo pode assumir três diferentes concepções na atualidade. No primeiro momento, de uma teoria crítica questionadora da agricultura industrial, fornecedora de bases metodológicas e conceituais para o desenvolvimento de agroecossistemas sustentáveis. No segundo momento, como prática social e de manejo agrícola, em maior ou menor alinhamento com a teoria agroecológica. Em um terceiro momento, como pensamento, movimento social, e práticas socioespaciais contra hegemônicas não-agrícolas, nas esferas política, social, cultural e econômica, articulando e mobilizando diferentes atores conectados de maneira prática ou teórica com o desenvolvimento de uma agricultura e sociedade sustentáveis e com a defesa da justiça social, da saúde ambiental, da soberania e segurança alimentar, da economia solidária e ecológica, da equidade entre gêneros e de relações mais equilibradas entre o meio rural e as cidades

A agroecologia, enquanto ciência, é definida por Altieri (1989, p. 31), expoente da área, como:

[...] é a ciência ou a disciplina científica que apresenta princípios, conceitos e metodologias para estudar, analisar, dirigir, desenhar e avaliar agroecossistemas, com o propósito de permitir a implantação e o desenvolvimento de estilos de agricultura com maiores níveis de sustentabilidade. A Agroecologia proporciona, então, as bases científicas para apoiar o processo de transição para uma agricultura "sustentável" nas suas diversas manifestações e/ou denominações.

Como ciência, busca desenvolver agriculturas de base ecológica e regenerativa, afim gerar impactos positivos nos agroecossistemas e ecossistemas dos ambientes em que estes estão inseridos, através da conservação de áreas de reserva ecológica, do aumento da biodiversidade, da fertilidade do solo, da qualidade e quantidade de recursos hídricos e da chuva. Para esse fim, desenvolve maneiras sistematizadas de organizar e diversificar as culturas

agrícolas (agrofloresta¹, policulturas², consórcios agrícolas³) e utilizar os recursos que produzem (principalmente biomassa como folhas, caules e troncos), para suprir a necessidade de uso excessivo de insumos externos como irrigação, fertilizantes, pesticidas, corretores de solo, principalmente aqueles que possuem origem químico sintética.

A diversidade de espécies presentes nos agroecossistemas de base agroecológica, principalmente os agroflorestais (que contam com a presença de árvores), impede que as pragas se proliferem de maneira fugaz como ocorre nas monoculturas. Também, a partir da consorciação planejada entre diferentes espécies, criam condições de luz e nutrição favoráveis entre estas através da decomposição de matéria orgânica depositada no solo ou de intercâmbios e dinâmicas físico-químicas produzidas na interação dos sistemas radiculares⁴ de diferentes plantas. A matéria orgânica que é depositada no solo, na maioria das vezes advinda do plantio, seguido de poda, de espécies pioneiras e de rápido crescimento, diminui a incidência de plantas espontâneas (chamadas na agricultura convencional de ervas daninha), da luz solar e do vento, o que promove a humidade do solo, e através de sua decomposição libera nutrientes e prolifera a vida microbiana e fúngica do solo, que por sua vez também é benéfica para a nutrição e saúde radicular das plantas. Isso se dá em parte por conta de fenômenos recentemente descobertos, que consentem sobre interações ecológicas de cooperação entre as bactérias e micorrizas de fungos subterrâneos, e raízes vegetais.

É comumente expressado por teóricos e práticos da comunidade agroecologia, que ela não promove uma “receita” de como a agricultura e os recursos naturais e humanos devem ser manejados, aproveitados e organizados, mas promove bases conceituais para o desenvolvimento de práticas agrícolas que estejam integradas ao funcionamento ecológico de cada localidade e as necessidades e aspirações de cada agricultor, família, ou comunidade rural.

Nesse momento vale ressaltar que para a agroecologia não vale a razão

¹ Sistema de produção agrícola que integra árvores e outras culturas agrícolas em um mesmo espaço, imitando os padrões de uma floresta natural.

² Cultivo com diversidade de espécies vegetais em uma mesma área.

³ Cultivo simultâneo de espécies vegetais diferentes em uma mesma área, de forma planejada para que elas se beneficiem mutuamente.

⁴ Conjunto de raízes de uma planta.

tecnicista que pretende controlar e manipular o resto da natureza para servir ao Homem (ou pelo menos à alguns homens, mais abastados), uma vez que nos sistemas agroflorestais o objetivo é de adaptar os cultivos para o funcionamento do ecossistema local (Gotsch, 1996).

A nível económico, de soberania alimentar, e condições laborais e de vida, as agroflorestas e policultivos em geral, também permitem aos produtores rurais, principalmente de pequenas e médias propriedades, maior segurança contra a flutuação de preços dos géneros agrícolas, menor dependência da compra de insumos externos, maior segurança alimentar, diminuição ou cessamento da ingestão e do contato com produtos agrotóxicos

Como prática e pensamento contra-hegemónico, a agroecologia também promove a reflexão crítica sobre a produção de alimentos e a agropecuária em geral, e se compromete com a valorização da diversidade, do homem e da mulher comum, agricultoras e agricultores familiares e de comunidades tradicionais como caiçaras, indígenas, quilombolas, e da articulação desses entre si, e com o resto da comunidade agroecológica (Petersen, 2012), composta por técnicos, cientistas, empresários, entusiastas, entre outros. Também incentiva a troca, circulação e valorização de germoplasmas para propagação (sementes criolas, estacas, mudas etc.) de espécies e cultivares vegetais que vem desaparecendo por conta da degradação socioambiental provocada pelo avanço da agricultura industrial, e que possuem grande valor no âmbito do melhoramento genético, da cultura e da soberania alimentar.

Em suma as técnicas da agroecológicas permitem a redução do uso de insumos e técnicas agrícolas que tendem a poluir e degradar os recursos hídricos, biológicos e pedológicos do planeta Terra, e substituí-las por um manejo conservativo, e muitas vezes, regenerativos das áreas afetadas por suas atividades. Também empodera pequenos produtores e agricultores tradicionais como construtores de conhecimentos e valores juntamente a técnicos e cientistas, integrando conhecimento local e científico (Gliessman, 2000), ao mesmo tempo que concede de certo nível de emancipação dos mercados de insumos e limitados géneros agrícolas aos quais a agricultura convencional é mais afeita. Dessa forma, a agroecologia funciona como importante aporte para uma resignificação do espaço geográfico, no sentido da sustentabilidade, da justiça ambiental, social, racial e de género. E por esse conjunto de caracteres é que vem sendo adotada,

discutida, praticada e desenvolvida em muitos espaços contra hegemônicos, espacialidades, no Brasil, como assentamentos do Movimento do Trabalhadores Sem Terra (MST) e Ecovilas.

2.2 Permacultura

Também de maneira sintomática, na esteira da crise estrutural e multifacetada do capitalismo global, e na necessidade urgente de criar alternativas as formas de sociabilização e relação entre os seres humanos e com o restante da natureza, é que surge a permacultura (Silva, 2013).

Essa, que também aparece como ciência e se torna prática social e pensamento, movimento social, se propõe como instrumento metodológico ou conjunto de princípios para diversas áreas do viver humano, abordando um conjunto de esferas e questões como a engenharia e arquitetura de habitações e de outras estruturas, o saneamento, a gestão de grupo, o paisagismo, o desenho e a gestão ambiental, as fontes de energia, a relação entre o Homem e Natureza, além claro, da agricultura, entre muitos outros.

Segundo Mollison, Permacultura é:

É o planejamento e execução de ocupações humanas sustentáveis, unindo práticas ancestrais aos modernos conhecimentos das áreas, principalmente, de ciências agrárias, engenharias, arquitetura e ciências sociais, todas abordadas sob a ótica da ecologia. “Em outras palavras é a elaboração, a implantação e a manutenção de ecossistemas produtivos que mantenham a diversidade, a resistência e a estabilidade dos ecossistemas naturais, promovendo energia, moradia e alimentação humana de forma harmoniosa com o ambiente”. (Mollison, 1999, *apud* Jacintho, 2002)

Concebida inicialmente pelos australianos Davis Holmgren e Bill Mollisson, na década de 1970, a permacultura refere-se à criação de assentamentos resilientes, por tanto, sustentáveis, a fim de que sejam viáveis a longo prazo.

Originalmente o termo era uma contração de “agricultura permanente”, porém na atualidade, muitas vezes é pensado como “cultura permanente”, uma vez que busca articular de maneira holística diversas áreas do saber e aspectos das esferas produtivas, comerciais, sociais, infraestruturais (doméstica e comum) etc. Em entrevista para o boletim estadunidense “*seeds of change*” no ano de

2001, Bill Mollison relata:

Dei um salto quando comecei a pensar que se eu pegasse todos os princípios da ciência ecológica e o transformasse em diretivas que dissessem o que fazer, então tínhamos um caminho a seguir (...) fiz isso noite após noite e vários outros insights vieram neste processo. O que eu estava fazendo realmente era economizar energia em toda forma, fosse na construção de uma casa, no plantio de algo, no uso de fertilizante sem necessidade. Então eu pude ver que é possível fazer quase tudo biologicamente, e você não pode esgotar a biologia. Assim, por volta de 1974 eu comecei a plantar algumas centenas de espécies de plantas, a maioria voltada para o uso humano, mas qualquer outro ser que eu poderia imaginar entre elas, também poderia usá-las como alimento. (Silva, 2013, p. 159).

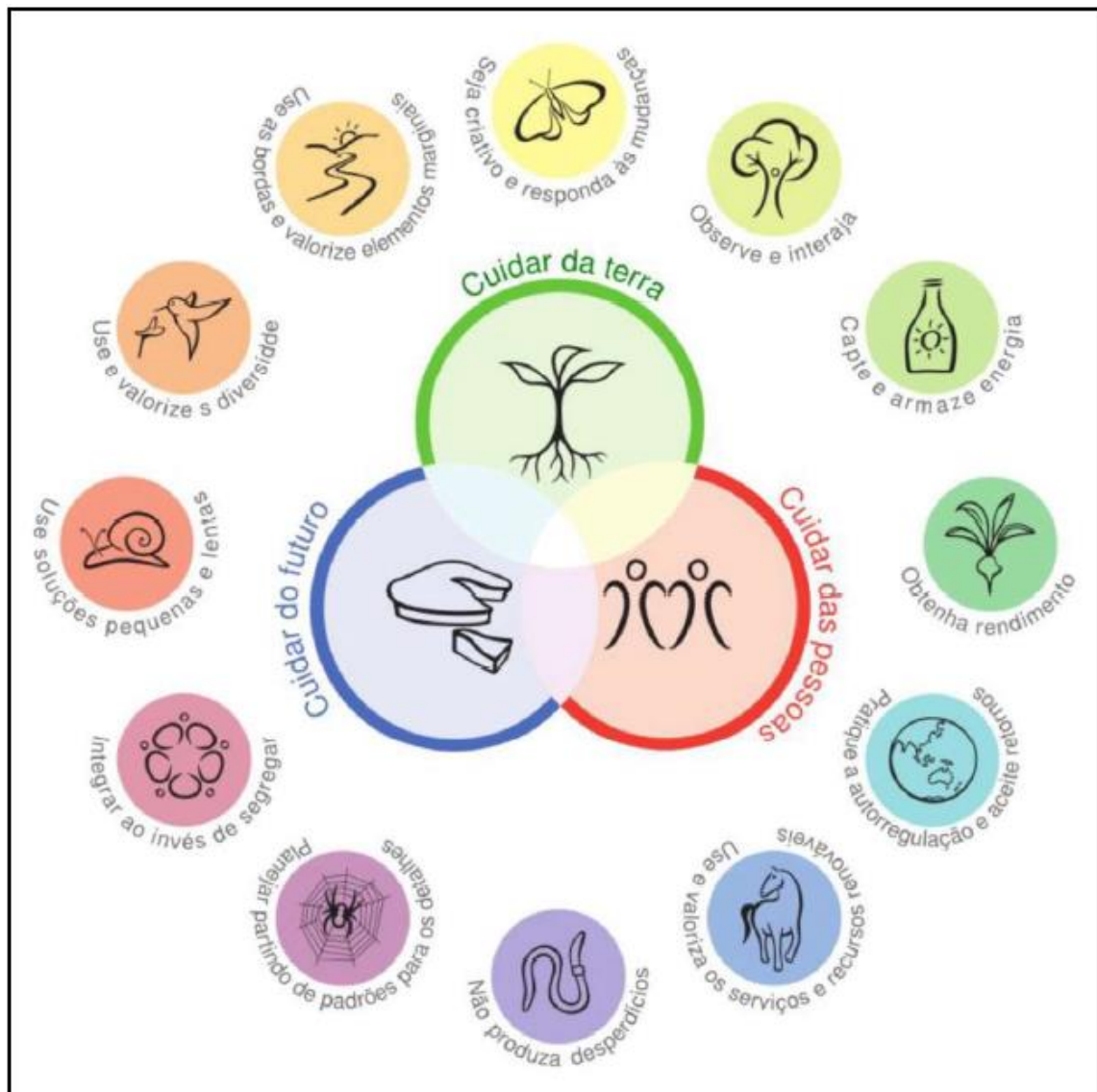
Em suma a permacultura é o design de assentamentos e sistemas integrados, que articulam aspectos éticos e técnicos (não apenas relacionados a agricultura orgânica), baseada nos princípios da harmonia com o ambiente e entre os humanos. Vale ressaltar que, por abordar aspectos da vida não tocados pela agroecologia, muitas vezes a permacultura é vista como complementar a esta.

A nível mundial e nacional, o movimento permacultural vem ganhando força nas últimas décadas. Fenômeno que se relaciona com o aprofundamento das crises socioambientais e do neoliberalismo, e é possibilitado, em parte, pela disseminação da internet.

[...] quando se retoma a história da permacultura, algo que não deve ser esquecido são os profundos vínculos estabelecidos, desde o início, entre ela e os demais movimentos de organização social e de produção espacial alternativos despontados no início dos anos 1970, sob a influência da contracultura e do ambientalismo, notadamente o birregionalíssimo e o movimento de ecovilas. (...) Esta, por sua vez, ganhou corpo e se consolidou na década de 1990, em consonância com a globalização do capitalismo neoliberal. (Silva, 2013 p. 165).

Como apontado por Silva, as ecovilas muitas vezes se relacionam com a história da permacultura, e se apropriam de suas técnicas, conceitos e princípios para pensar sobre que bases criarão, conduzirão e ressignificarão seus espaços de vida.

Figura 1: Ética da permacultura e princípios de design.



Fonte: UFSC Permacultura, 2022

Fonte: Sistema Integrado de Informações Florestais do Estado de São Paulo (SIFESP)

Localizada na zona rural do sul do município de Pedro de Toledo, a ecovila Bom Lugar encontra-se em meio áreas de reserva que guardam grande parte das extensões de florestas contíguas, que ainda restam, da Mata atlântica. Está inserida na região paulista do Vale do Ribeira, que além de ser a que possui a maior área de mata atlântica conservada, boa parte dentro das chamadas Unidades de Conservação (UCs), também é detentora do menor Índice de Desenvolvimento Humano.

Existem dois grandes complexos de reservas da biosfera próximas a comunidade: o Parque Estadual Serra do Mar e o Mosaico de Unidades de Conservação Jureia Itatins, assim definida por ser a soma de três categorias de unidades de conservação (UCs).

Criado em 1977, o Parque Estadual Serra do Mar possui mais de 360 mil hectares, abrangendo 25 municípios paulistas. Conta com a maior porção conservada de Mata Atlântica contígua no Brasil. Por esse mesmo motivo se constitui como o maior corredor biológico da desse domínio no país, com cerca de 1.361 espécies de animais e 1200 espécies de plantas catalogados (São Paulo, [s. d.]).

Já o Mosaico de unidades de conservação Jureia-Itatins, que abrange os municípios de Iguape, Miracatu, Itariri, Pedro de Toledo e Peruíbe, possui uma história complexa, envolvendo comunidades tradicionais, áreas cobiçadas para a construção de usinas nucleares, aspectos preservacionistas etc. Foi criado em 1986, culminando em sua configuração oficial atual no ano de 2013, através do aglutinamento de diversas unidades de conservação de tipos distintos.

Apesar de ser uma região proeminente na conservação ambiental, em comparação a outras, ainda abundam áreas em que ocorrem atividades agrícolas e extrativistas poluidoras e destruidoras (dos humanos e da natureza): o cultivo de grande monoculturas produtoras de banana com trabalho precarizado e uso intensivo de fertilizantes e de agrotóxicos dispersados por aviões, os quais são avistáveis e audíveis na região de forma rotineiramente; a extração predatória e ilegal do palmito Jussara; a caça; a ocupação urbana desordenada; a poluição dos recursos hídricos e solos; o desmatamento de áreas ciliares; a erosão etc.

O Vale do Ribeira de Iguape possui uma história rica, desde sua ocupação

indígena, passando pela exploração do ouro no período colonial, ao papel estratégico que desempenhou por conta do porto da Cidade de Iguape no período do Império, à imigração japonesa (Nascimento; Sifione, 2010).

Fato é que a região passou por um forte declínio econômico, de importância e de entrada de investimentos desde o porto se tornou obsoleto, logisticamente. Dessa forma a região se manteve geograficamente isolada e pouco tocada pelo processo de desenvolvimento e ciclos econômicos do estado, seja durante o período do café, ou da industrialização. Isso se dá, em grande parte, por conta das características de relevo acidentado e composição de solos (Vettorazzi; Ângulo Filho, 1986).

Apesar de algumas melhorias nas últimas décadas, a região ainda conta com a menor taxa de Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de São Paulo, e enfrenta problemas de isolamento geográfico e falta de investimento na infraestrutura e serviços básicos. E de investimentos privados, considerando que a região possui grande potencial para o eco turismo, uma vez que conta com abundante biodiversidade, rios, cachoeiras, e conta com parques como o Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR), repleto de cavernas e locais para prática de esportes radicais como rapel e rafting.

Nesse sentido as técnicas, tecnologias, e articulação entre diferentes atores, desenvolvidas e praticadas por experimentos socioespaciais contra-hegemônicos nessa região, se fazem importantes não apenas para contribuir com as formas de conservação ecológica da região, mas também para pensar e testar alternativas rentáveis e que forneçam qualidade de vida e de trabalho para agricultores e para a população da região como um todo.

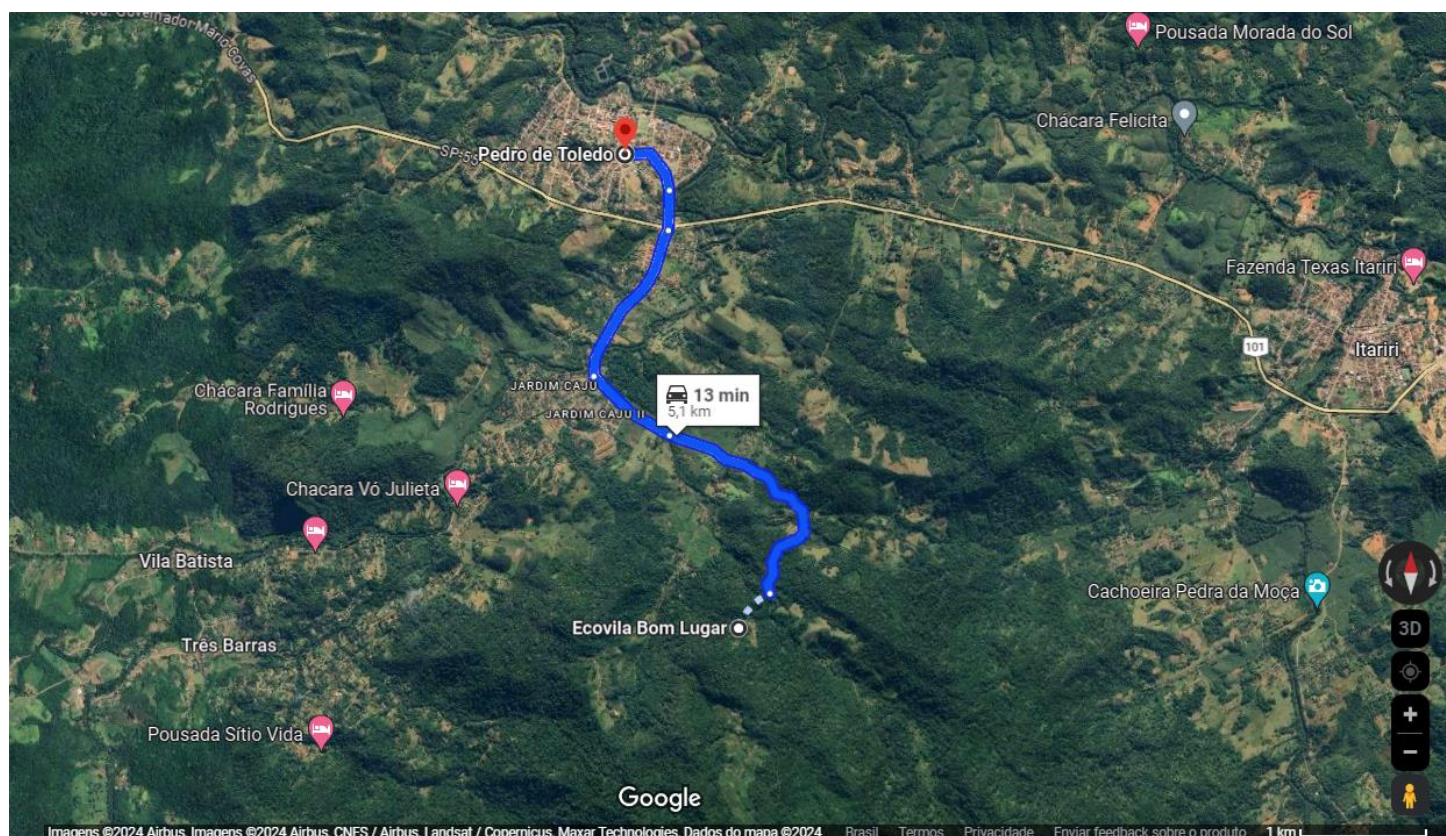
3.2 Espacialidade agroecológicas e permaculturais

Fotografia de satélite 1 – Área da ecovila que possui ocupação humana.



Fonte: Google Earth, 2022

Fotografia de satélite 2 – Trajeto da ecovila ao centro da cidade de Pedro de Toledo, SP.



Fonte: Google Earth, 2022

O Terreno, que foi adquirido em conjunto por vinte e três pessoas no ano de 2014 pelo valor de quarenta mil reais, possui cerca de 40 hectares de extensão do quais, cerca de 35 são densamente florestados, e tratados pela comunidade como reserva natural. O manejo dos recursos do terreno e as construções ocorrem apenas nos 5 hectares restantes que já se encontravam descampados (à exceção da construção e manutenção de captações ecológicas de nascentes, as quais se encontram na floresta, montanha acima).

O terreno se encontra a meia altura de um grande morro. Não possui conexão com a rede de fornecimento de eletricidade ou de água e esgoto. Para acessá-lo é necessário percorrer, a partir do trevo rodoviário que dá acesso ao centro da cidade de Pedro de Toledo, cerca de 5 quilômetros, em sua maioria em estradas de terra. Nessas, os trechos mais problemáticos contam com trilhos cimentados construídos pela comunidade juntamente com alguns vizinhos, com materiais cedidos pela prefeitura.

Em conversa com os moradores foi relatado que, no passado, naquela área já haviam sido desenvolvidas atividades de cultivo de goiaba, criação de porcos e vacas, o cultivo de banana, e claro, o desmatamento florestal para extração da madeira e produção de carvão, além da caça e extração destrutiva e predatória do palmito-juçara (que mata o indivíduo durante sua extração, considerando que essa espécie de palmeira conta apenas com um estipe, “caule”). O terreno possui zonas de grande declividade, que dificultam a agricultura, também foi relatado por integrantes que o solo, com exceção de alguns pontos, não tem grande fertilidade, e que o clima é por horas muito chuvoso e húmido, e por outras com estiagem moderadamente severa. Características que são trabalhadas de acordo com princípios da agroecologia e da permacultura, como planejamento e seleção de espécies, a adubação verde e o uso de plantas companheiras, como no caso de algumas leguminosas que podem descompactar e aumentar os níveis de nitrogênio do solo.

Na fotografia 1, podemos ver, com obviedade, o estado de degradação ecológica em que as áreas descampadas do terreno se encontravam antes do início das intervenções agroecológicas e permaculturais realizadas pelos integrantes da ecovila.

Fotografia 1: Terreno logo após a compra.



Fonte: fotografia cedida ao pesquisador, Ecovila Bom Lugar, 2014.

A comunidade foi fundada por um grupo de homens e mulheres, de diversas idades e caminhos de vida, inconformados e impactados por diferentes aspectos da crise civilizatória do capitalismo global, a maioria originários do chamado Grande ABC paulista⁵, muitos dos quais integrantes e praticantes da chamada “doutrina do Santo Daime”, da qual se pode citar brevemente:

O Santo Daime é uma religião que resgata e valoriza intensamente os estados alterados de consciência (chamados pelos daimistas de *mirações*) como forma de alcançar a iluminação espiritual, que se realiza não só por meio da ingestão do chá (também conhecido como Daime, *yagé*, *ayahuasca*, vegetal, *caapi*), mas também pelo canto repetitivo de hinos, que, segundo seus integrantes, são ditados diretamente do mundo Astral, e que contém ensinamentos, poder de cura e revelação. O chá, segundo o fundador da doutrina, Raimundo Irineu Serra, “tem poder inacreditável”, sendo responsável, em alguns casos, por mudanças profundas na visão de si mesmo e do mundo, o que implica em novas posturas e concepções psicossociais. (Araujo; Castro, 2011).

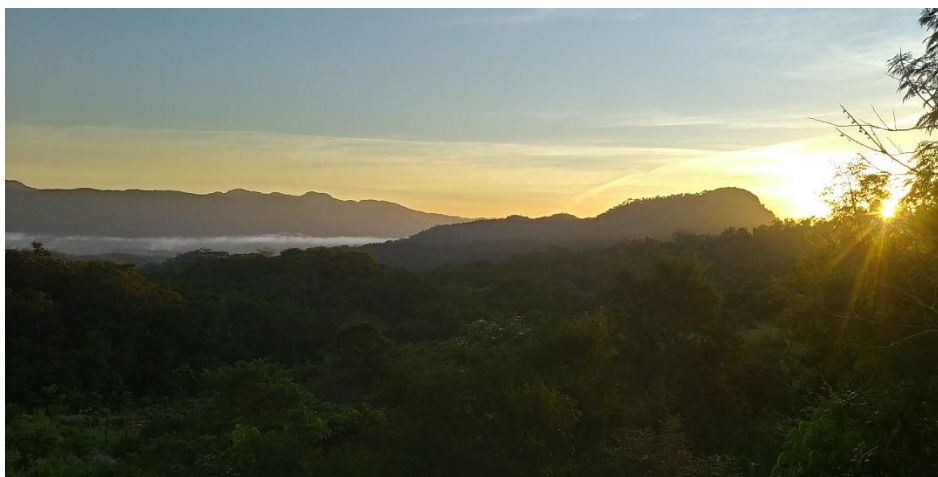
Muitos dos adeptos do Santo Daime são afeitos a ideias de comunitarismo, ecologismo e solidariedade, uma vez que esses temas são constantemente

⁵ O Grande ABC Paulista inclui os municípios de Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra. Conhecido por ser um importante polo industrial da região metropolitana de São Paulo.

abordados nos hinários ritualísticos, na história e prática dos fundadores e expoentes da religião.

Na fotografia 2, podemos observar a vista da paisagem que se obtém durante o nascer do sol a partir do chalé que mais se encontra elevado no terreno, algo que é grandemente valorizado pela comunidade. Isso revela uma relação distinta com o espaço, a vez que para um assentamento baseado na agricultura convencional, essa seria uma área extremamente desvantajosa, enquanto, para a comunidade da ecovila Bom Lugar, esse mesmo relevo guarda um isolamento geográfico desejado, e a possibilidade de cenários naturais mais belos.

Fotografia 2: Vista de ponto alto do terreno ao amanhecer.



Fonte: fotografia do pesquisador, Ecovila Bom Lugar, 2023.

Na ecovila, não há contratação de trabalhadores externos. Todo o trabalho é realizado pelos membros da comunidade, com eventual ajuda voluntária de visitantes, que podem ser amigos, familiares ou pessoas de cidades próximas (como a metrópole paulista e Peruíbe), que se interessam pelas atividades e pelo convívio existentes no Bom Lugar. Em casos excepcionais, como na construção das moradias, pode haver a contratação temporária de membros e amigos da própria comunidade para colaborar em etapas mais complexas de um projeto durante alguns dias.

Apesar do terreno ter sido adquirido em 2014, por algum tempo se manteve como um local de visitação esporádica, e só passou a ter moradores no ano de 2016. Esse foram seguidos em anos seguintes, com a chegada de mais alguns indivíduos. Atualmente a ecovila possui 9 moradores, divididos entre 5 famílias, sendo duas dessas unipessoais. Há três crianças, duas das quais se encontram

em idade escolar, e frequentam escolas públicas em Pedro de Toledo. Essas duas residem metade do ano com o pai na ecovila, e a outra metade, com a mãe no município de Diadema, na metrópole paulista.

Durante as observações realizadas nas visitas a campo, assim como as entrevistas a integrantes da ecovila, puderam ser constatados uma série de características e dinâmicas que constituem a comunidade como real construtora de espacialidades.

Os espaços e cultivos da ecovila, com exceção das moradias, são de uso, responsabilidade, planejamento e gestão comum. Dessa forma, através de reuniões, são acordadas e delimitadas quais são as ações prioritárias (como conserto de uma ponte, ou colheita de bambu), e então se dividem e se acomodam os trabalhos e se marcam as datas dos mutirões para cada benfeitoria ou manutenção a ser realizada no espaço (vide entrevistas em anexo).

A ecovila também já foi contemplada por duas vezes com aportes financeiros por parte do estado de São Paulo, por meio do programa Conexão Mata Atlântica⁶, para a compra de insumos e materiais, por conta de estarem de acordo com a diretrizes e pontuação ecológica delimitados para fazer parte do programa. Esses aportes foram utilizados, a título de exemplo, para a compra de: materiais para a construção de um novo e melhorado viveiro de plantas; motosserra adicional (de grande auxílio mesmo para empreitadas sustentáveis); bombas de aspersão foliar, para a utilização com insumos orgânicos etc.

Primeiramente, o senso comunitário, de solidariedade e preocupação ambiental observado e expressado pelos integrantes (vide entrevistas em anexo), e mesmo por visitantes que pareciam sempre contagiar-se pelo ambiente psicossocial, é extremamente pronunciado. A comunidade compartilha alimentos, equipamentos e momentos. Realizando diversas tarefas diárias como cozinhar, comer, plantar, colher, rezar, caminhar à cachoeira mais próxima, de maneira harmoniosa, nas quais as o trabalho é dividido de maneira justa entre os presentes. Foram observadas também atividades grupais apelidadas de

⁶ O Projeto Conexão Mata Atlântica, coordenado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI) e financiado pelo Fundo Global para o Meio Ambiente (GEF), visa recuperar e proteger a Mata Atlântica nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Com um orçamento de R\$ 100 milhões, o projeto utiliza o mecanismo de Pagamento por Serviços Ambientais (PSA) para incentivar práticas de conservação e restauração. Além disso, inclui capacitação de produtores e fortalecimento de cadeias de valor sustentável. Fonte: <<https://conexaomataatlantica.mctic.gov.br/cma/portal/>>. Acesso em: 20 jun. 2024.

“dinâmicas”, nas quais os integrantes são convidados a partilhar, expressar e ouvir de maneira desarmada, sentimentos e percepções, a fim de “azeitar” o funcionamento da comunidade, como me foi expresso por alguns integrantes.

Nas fotografias a seguir podemos visualizar dois momentos de vivência comunitária juntamente à voluntários que visitavam a ecovila. Na primeira (fotografia 3) um momento de explicação sobre a composição ideal do barro, durante um curso de bioconstrução de fogão a lenha. Na segunda (fotografia 4), um momento de alongamento coletivo que foi realizado antes do início de atividades relacionadas à implementação e manejo de cultivos agroflorestais.

Fotografia 3: Curso de construção de fogão a lenha.



Fonte: fotografia cedida ao pesquisador, Ecovila Bom Lugar, 2018.

Fotografia 4: Oficina de alongamento com presença de voluntários, antes de iniciar o dia de mutirões agroflorestais.



Fonte: Fotografia do pesquisador, Ecovila Bom Lugar, 2018.

É realidade de existem conflitos e idiossincrasias, as quais são vistas por alguns integrantes como sendo a maior dificuldade em sua jornada na ecovila (vide entrevistas em anexo), geradas pela intensa convivência social praticada pela comunidade, aonde quase todos os espaços e construções são compartilhados assim como, muitas vezes, quase todos os momentos diários, com exceção do sono. Mas a adaptação a convivência parece ser um dos maiores trabalhos (internos) mais valorizados, que ocorre na vida cotidiana da comunidade, como forma de tentar superar as tendências a uma sociabilidade conflituosa, que caracteriza a cultura individualista e competitiva do mundo moderno (vide entrevistas em anexo)

A recepção de visitantes, a custos muito baixos, ou mesmo apenas em troca de trabalho (e de uma companhia enriquecedora e alegre), a realização de mutirões e cursos, a troca de saberes e contato com outros espaços de resistência e esperança (Harvey, 2006), como produtores familiares agroecológicos e aldeias indígenas da região, também denotam o caractere solidário e em sintonia com a articulação de diversas entidades e atores contra hegemônicos.

Na fotografia 5 podemos ver a condução de uma aula, viabilizada através do programa de assistência rural do programa Conexão Mata Atlântica, sobre

agricultura biodinâmica, ministrada por assessor técnico com formação em agroecologia.

Fotografia 5: Aula sobre agricultura biodinâmica, com técnico formado em agroecologia, viabilizada através do programa Conexão Mata Atlântica



Fonte: Fotografia do pesquisador, Ecovila Bom Lugar, 2023.

A fotografia 6 retrata uma aula de escalada com cordas, relacionada a poda de árvores em altura, ministrada por morador da ecovila que possui formação técnica nessa área. Essas imagens retratam apenas alguns dos diversos momentos de troca de conhecimentos, de maneira mais ou menos sistematizada, que ocorrem no cotidiano da vivência comunitária da ecovila. Nesse cenário cada um contribui para a comunidade com o que sabe sobre agricultura, botânica, culinária, música, terapias alternativas, ferramentas, máquinas, motores etc. Constituindo a ecovila como potente espaço de crescimento pessoal e de construção de conhecimentos dos mais diversos.

Fotografia 6: Aula de escalada com corda e poda em altura com integrante da ecovila.



Fonte: Fotografia do pesquisador, Ecovila Bom Lugar, 2024.

Na fotografia 6 vemos, um exemplo de momento de intercambio e cooperação com outros agentes e espaços contra hegemônicos, a saber, a colheita de juçara no terreno de um agricultor familiar agroecológico que se encontra dentro do Mosaico de Conservação Jureia Itatins.

Fotografia 7: Membro da comunidade em colheita de cachos de juçara, no terreno de produtor familiar agroecológico da Jureia.



Fonte: Fotografia cedida ao pesquisador, Peruíbe, 2023.

Na fotografia 7, podemos observar o momento de um mutirão da comunidade em que bambu-gigantes que foram colhidos e trazidos, com ajuda de um caminhão pertencente a um dos membros da comunidade, à um local próximo de onde serão “posto de pé”, com o apoio de uma grande árvore, para que sequem e estejam prontos para serem tratados com fogo, para uso posterior em construções e outras estruturas.

Fotografia 8: Mutirão de colheita de bambu-gigante.



Fonte: Fotografia do pesquisador, Ecovila Bom Lugar, 2019.

A rede elétrica não chega ao terreno da ecovila bom lugar, porém, através de uso de placas solares e equipamentos elétricos simples, é possível carregar, com certa confiabilidade, celulares, lanternas e outros.

Outro aspecto observado às visitas a campo foram as práticas agrícolas e a gestão dos recursos da propriedade. Pode constatar-se que a comunidade, apesar de não assumir de inteiro ser “agroecológica” ou “permacultural”, tem a convicção de não utilizarem defensivos ou fertilizantes, ou outros insumos agrícolas de origem químico sintética, e possuem diversos cultivos e sistemas policulturas e orgânicos, que caracterizam como agroflorestas. Nessas foram observadas uma série de espécies botânicas (e animais e fúngicas), e me foi explicado cada uma possui uma ou mais funções dentro daquele sistema.

Nas fotografias 9, 10, 11 e 12, podemos ver uma pequena mostra da

imensa diversidade de espécies biológicas observadas e fotografadas durante as pesquisas de campo. Através delas podemos constatar a riqueza de biodiversidade que a região abriga, e compreender melhor a necessidade de conservação desse ecossistema.

Fotografias 9, 10, 11 e 12: Alguns dos animais e fungos observados durante a pesquisa.
(Besouro, Bicho-preguiça com filhote no colo, cogumelo véu-de-noiva e perereca)



Fontes: Fotografias do pesquisador, Ecovila Bom Lugar.

Algumas espécies estão para fornecer madeira, outras para frutas ou castanhas, algumas para descompactar os solos, ou terem suas partes aéreas podadas e depositadas em leras para decomposição, cobertura do solo e fornecimento de nutrientes, outras tem a função de atraírem polinizadores e servir de alimento para as abelhas nativas e africanizadas, que também são criadas na comunidade.

Nas fotografias 13 podemos observar um sistema agroflorestal com a presença de bananeiras, pés de café, e outras espécies, enfatizando a importância dos sistemas agroflorestais na agroecologia e dos consórcios entre as espécies vegetais, uma vez que relação radicular e de sombra entre a banana e o café criar

uma situação de “companheirismo” e ajuda mútua, o que não acontece, segundo o que foi relatado por moradores, entre a banana e a mandioca por exemplo. Já na fotografia 14 se avalia o processamento e beneficiamento do café agroflorestal, o qual é fermentado, seco ao sol, torrado e consumido internamente na comunidade.

Fotografia 13: Sistema agroflorestal com banana, café, cacau e outros.



Fonte: Fotografia do pesquisador, Ecovila Bom Lugar, 2024.

Fotografia 14: Secagem e fermentação do café agroflorestal...



Fonte: Fotografia do pesquisador Ecovila Bom Lugar, 2024.

A fotografia 15 denota outra prática da ecovila que está relacionada a agroecologia e a permacultura, o uso de mão de obra voluntária como auxiliadora da implementação e manejo dos policultivos. O que é desenvolvido através de vivência e cursos nos quais a comunidade convida, por meio de suas redes sociais e contatos pessoais, pessoas para passarem alguns dias em uma imersão, que tem características de ecoturismo e educação ambiental, na comunidade.

Fotografia 15: Mutirão de implementação, plantio e manejo de linhas de policultura em sistema agroflorestal, com a presença de voluntários.



Fonte: Fotografia do pesquisador, Ecovila Bom Lugar, 2018.

Vale ressaltar que existem três áreas de agrofloresta na comunidade, que totalizam cerca de 2000 m². As duas primeiras foram implementadas no ano de 2017, e a segunda no ano de 2018. Essas servem principalmente para o abastecimento da comunidade com frutas, temperos, plantas medicinais e outros, e ainda não se convertem em renda para a comunidade através da comercialização de sua produção. Sendo assim, a fonte de renda dos indivíduos da comunidade provém, principalmente, de trabalhos na cidade de Peruíbe, na sua maioria, envolvendo a manutenção de residências, seguindo princípios da bioconstrução, da agroecologia e da permacultura.

A criação de abelhas não é realizada apenas para a produção, uso interno e comercialização em pequena escala do mel e própolis, porém também tem o intuito de afetar, aumentar, a polinização em todo o sítio, gerando frutos maiores

e mais abundantes. Na fotografia 16 podemos ver o desenvolvimento de atividades ligadas a apicultura de abelhas africanizadas, que produzem mel em maior escala, enquanto as fotografias 17 e 18 evidenciam atividades relacionadas à meliponicultura, criação de abelhas nativas que não possuem ferrão.

Fotografia 16: Manejo de apiário de abelhas africanizadas, com roupas de proteção.



Fonte: Fotografia do pesquisador, Ecovila Bom Lugar, 2023.

Fotografia 17: Manejo em caixas de abelhas nativas



Fonte: Fotografia do pesquisador, Ecovila Bom Lugar, 2024

Fotografia 18: Colonias de abelhas nativas instaladas em árvore.



Fonte: Fotografia do pesquisador, 2024.

É importante salientar que os policultivos da Ecovila Bom Lugar não servem apenas para gerar alimento e outros derivados vegetais para uso e comercialização da comunidade enquanto conservam e regeneram o solo e o ecossistema através do uso de árvores e técnicas de manejo regenerativas e sintropias. Guardam também uma importância na esfera da cultura, da genética e mesmo da política. Uma vez que guardam e preservam espécies, cultivares e variedades vegetais nativas e tradicionais já a muito desprezadas ou nunca popularizadas pela agricultura convencional e pelas gondolas dos supermercados, como a Cerejeira-do-rio-grande, o Araçá, o Cambuci, a Jurubeba e muitos outros. São preciosidades e patrimônios nacionais e internacionais, da natureza e da seleção milenar. Essas plantas são apelidadas por Valdely Kinupp, biólogo, mestre em botânica e expoente do movimento agroecológico no Brasil, como PANC's, sigla para *plantas alimentícias não-convencionais*. Na tabela 1. É possível constatar algumas PANC's observadas em campo.

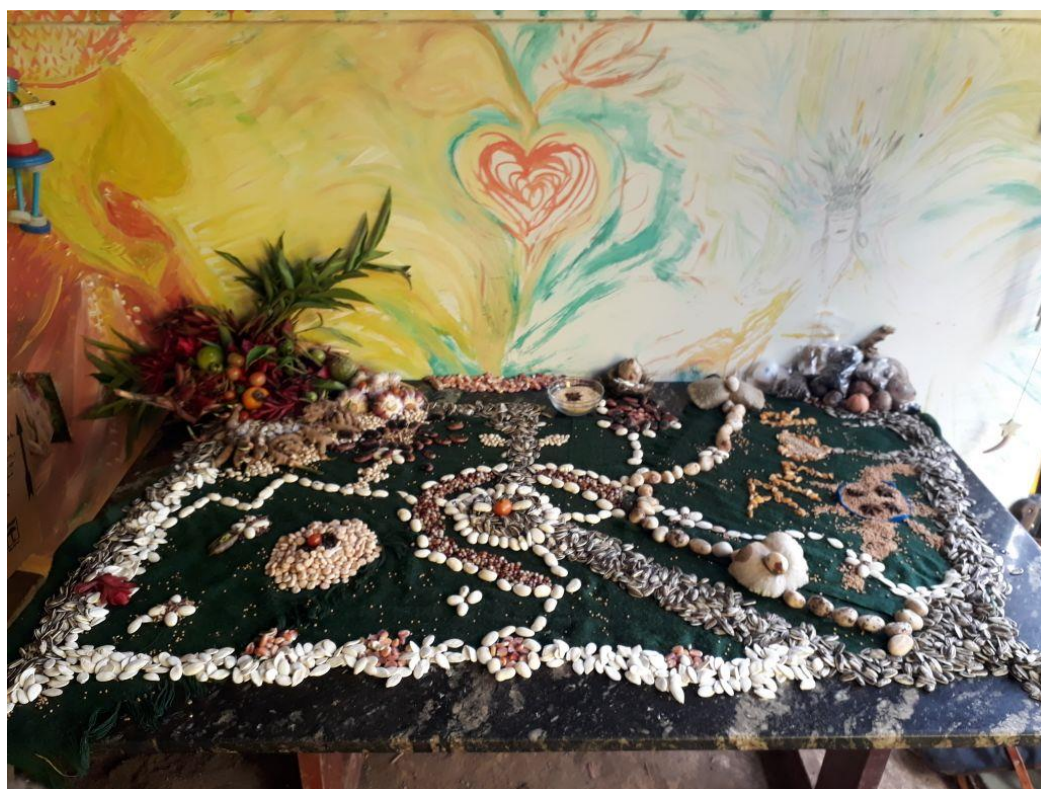
Nas fotografias 19 e 20, observa-se uma pequena amostra da variedade de espécies vegetais cultivadas no sítio.

Fotografia 19: Cacho de banana roxa agroflorestal.



Fonte: Fotografia do pesquisador, Ecovila Bom Lugar, 2018.

Fotografia 20: Diversidade de sementes e tuberas que foram utilizadas em mutirão de plantio.



Fonte: Fotografia do pesquisador, Ecovila Bom Lugar, 2017.

Outro aspecto muito interessante constatado na ecovila e que cai nas formas permaculturais e contraculturais é o uso das bioconstruções. Na comunidade não existem estruturas de alvenaria, tudo é feito ou com matérias de demolição, como madeira, ou materiais coletados dentro do terreno, como terra e bambu. Esses últimos devem ser coletados em épocas corretas do ano, de maneira correta, e serem curados e tratados, constituindo árduo trabalho, principalmente quando se trata de grandes varas de bambu gigante. Alguns insumos externos como cimento, muitas vezes são utilizados para, por exemplo, tornar uma massa de barro mais impermeável. Existem três pequenos chalés construídos com madeiras de demolição e utilizados como moradias familiares, dois pequenos galpões construído em bambu e telhas de material reciclado (feitas de tubos de pasta de dente) utilizados, respectivamente, como igreja, e como depósito e oficina, e uma grande cobertura circular, com cerca de 4 metros de altura e 15 metros de diâmetros, também construída em bambu e telhas de material reciclado, que serve como cozinha e espaço de estar e convivência comum, apelidado de “maloka”. Nela há um fogão a lenha construído pela comunidade, há também um fogão a gás, raramente utilizado, matérias de cozinha, sofás e uma área para fogueira ao centro.

Fotografia 21: Cozinha e área de convívio comum bioconstruída em bambu-gigante, apelidada de “maloka”.



Fonte: Fotografia do pesquisador, Ecovila Bom Lugar, 2024.

Fotografia 22: Parede de barro na “maloka”.



Fonte: Fotografia do pesquisador, Ecovila Bom Lugar, 2024.

Fotografia 23: Bambu-gigante curando após colheita.



Fonte: Fotografia do pesquisador, Ecovila Bom Lugar, 2019.

Fotografia 24: Chalé construído com madeira de demolição.



Fonte: Fotografia do pesquisador, Ecovila Bom Lugar, 2018.

Fotografia 25: Viveiro de plantas bioconstruído em bambu-gigante.



Fonte: Fotografia do pesquisador, Ecovila Bom Lugar, 2024.

Outro aspecto que se relaciona a bioconstrução e ao ecossaneamento são os banheiros secos. Esses são construídos de maneira simples, com paredes de barro ou telhas, com estrutura de troncos e bambu, cobertura, de lona, telha de material reciclado ou palha, um assento e um recipiente nos quais os dejetos devem cair e ser cobertos por material orgânico seco. Após isso é realizado um processo de decomposição desses dejetos em caixas, em parte utilizando a luz

solar, para que posteriormente possam se converter e serem utilizados como adubo, principalmente para árvores frutíferas, que já se encontra disponibilizado. Também são compostados e reutilizados os rejeitos orgânicos como cascas de frutas e legumes, através de caixas de compostagem.

Fotografia 26: Duas cabines de banheiros secos.



Fonte: Fotografia do pesquisador, Ecovila Bom Lugar, 2024.

Também relacionado ao saneamento, as pias como da cozinha e do banheiro são conectadas a bioevapotranspiradores, que são estruturas que irão conter e filtrar a água através de plantas específicas e resistentes, para que a água, gordura e sabão, por exemplo, não seja despejada diretamente no ambiente.

Fotografia 27: Cabine para banho, construída com bambu-gigante



Fonte: Fotografia do pesquisador, Ecovila Bom Lugar, 2024.

Nesse sentido a comunidade também pratica o descarte seletivo (separação dos materiais recicláveis do lixo não reciclável) e a reutilização dos rejeitos não orgânicos. Isso se dá com o auxílio de lixeiras específicas para cada tipo de rejeito e de um ecoponto, aonde materiais de interesse para uso posterior são armazenados, como garrafas e potes de vidro.

Fotografia 28: Janelas provenientes de demolição, armazenadas para futuro emprego em construções.



Fonte: Fotografia do pesquisador, Ecovila Bom Lugar, 2024.

Abaixo, uma tabela com algumas das espécies vegetais de maior porte e ou significância, identificadas e observadas durante visitas a ecovila, incluindo incursões em áreas de floresta. Nela podemos constatar não só uma amostra da grande diversidade de espécies cultivadas e plantadas no sítio, mas também a presença dominante de espécies pioneiras dentro da sucessão ecológica de espécies, mesmo nas áreas florestadas, o que indica que essa são floresta jovens, que já foram em muito exploradas e desmatadas, e que se encontram em regeneração natural a apenas algumas décadas.

Tabela 1: Espécies de plantas mais significativas na Ecovila Bom Lugar.

Nome Científico	Nome Popular	Observações
De ocorrência natural (incluindo áreas florestadas)		
Anadenanthera colubrina	Angico-branco	Árvore; pioneira; nativa
Campomanesia neriiflora	Guabiroba-maracujá	Árvore; secundária, ocorre na mata ciliar; nativa
Cecropia pachystachya	Embaúba	Árvore; pioneira; nativa

<i>Citharexylum myrianthum</i>	Pau-viola	Árvore; pioneira; nativa
<i>Croton floribundus</i>	Capixingui	Árvore; pioneira; nativa
<i>Euterpe edules</i>	Palmito-juçara	Palmeira; pioneira; nativa
<i>Inga vera</i>	Ingá	Árvore; pioneira; nativa
<i>Piptadenia gonoacantha</i>	Pau-jacaré	Árvore; pioneira; nativa
<i>Schinus terebinthifolius</i>	Aroeira-vermelha	Árvore; pioneira; nativa
<i>Schizolobium parahyba</i>	Guapuruvu	Árvore; pioneira; nativa
<i>Tibouchina mutabilis</i>	Manacá-da-serra,	Árvore; pioneira; nativa
<i>Trema micranta</i>	Pau-pólvora	Árvore; pioneira; nativa
Plantadas pela comunidade		
<i>Araucaria angustifolia</i>	Araucária	Árvore nativa; Produtora de castanhas
<i>Artocarpus heterophyllus</i>	Jaca	Árvore frutífera exótica
<i>Averrhoa carambola</i>	Carambola	Árvore frutífera exótica
Bambusoideae (subfamília)	Bambus	Espécies: Gigante e Guadua (utilizados em construções e outras estruturas duráveis), Taquara
<i>Banisteriopsis caapi</i>	Jagube	Utilizada para o preparo do santo daime
<i>Bixa orellana</i>	Urucum	Árvore nativa, utilizada como tempero
<i>Brassica juncea</i>	Mostarda	Folhas e sementes comestíveis
<i>Brassica oleracea</i>	Couve	Folhas comestíveis
<i>Cajanus cajan</i>	Feijão-guandu	Leguminosa comestível; duas variedades (PANC)
<i>Calophyllum brasiliense</i>	Guanandi	Árvore nativa; rápido crescimento, madeira durável
<i>Campomanesia phaea</i>	Cambuci	Árvore frutífera nativa (PANC)
<i>Carica papaya</i>	Mamão	Dois variedades
<i>Centrolobium tomentosum</i>	Araribá	Árvore nativa; rápido crescimento, madeira durável
<i>Chrysopogon zizanioides</i>	Vetiver	Raízes profundas; usada para contenção de barrancos
<i>Citrus latifolia</i>	Limão taiti	Árvore frutífera exótica
<i>Citrus limonia</i>	Limão cravo	Árvore frutífera exótica
<i>Citrus sinensis</i>	Laranja	Árvore frutífera exótica
<i>Cnidioscolus aconitifolius</i>	Chaia	Arbusto de folhas comestíveis; exótica (PANC)
<i>Cocos nucifera</i>	Coco	Palmeira exótica
<i>Coffea spp.</i>	Café	Dois espécies

<i>Crotalaria</i> spp.	Crotalária	Utilizada como adubadeira; herbácea
<i>Cucumis anguria</i>	Maxixe	Fruto comestível (PANC)
<i>Curcuma longa</i>	Cúrcuma	Raízes utilizadas como tempero; medicinal
<i>Cybistax antisyphilitica</i>	Pau-viola	Árvore nativa; utilizada como adubadeira
<i>Dombeya seminole</i>	Astrapeia	Árvoreta com abundância de flores melíferas; exótica
<i>Eriobotrya japonica</i>	Nêspira	Árvore frutífera exótica
<i>Eugenia brasiliensis</i>	Grumixama	Árvore frutífera nativa (PANC)
<i>Eugenia involucrata</i>	Cereja do rio grande	Árvore frutífera nativa (PANC)
<i>Eugenia matoensis</i>	Rainha	Utilizada para o preparo do santo daime
<i>Eugenia uniflora</i>	Pitanga	Árvore frutífera nativa
<i>Euterpe edulis</i>	Juçara	Palmeira frutífera nativa
<i>Genipa americana</i>	Jenipapo	Árvore frutífera nativa (PANC)
<i>Handroanthus albus</i>	Ipê-amarelo	Árvore nativa
<i>Hibiscus sabdariffa</i>	Vinagreira	Folhas e flores comestíveis (PANC)
<i>Ipomoea batatas</i>	Batata doce	Folhas e raízes comestíveis
<i>Lablab purpureus</i>	Feijão-lablab	Vagens comestível; duas variedades (PANC)
<i>Malpighia emarginata</i>	Acerola	Árvore frutífera exótica
<i>Mangifera indica</i>	Manga	Árvore frutífera exótica
<i>Manihot esculenta</i>	Mandioca	Diversas variedades
<i>Morus nigra</i>	Amora	Árvore frutífera exótica
<i>Murraya koenigii</i>	Folha-de-curry	Folhas utilizadas para tempero (PANC)
<i>Musa</i> spp.	Bananas	Variedades: prata, ouro, pão, terra, maçã, nanica e roxa; também utilizadas como adubadeiras
<i>Myrciaria glomerata</i>	Cambuí-roxo	Árvore frutífera nativa (PANC)
<i>Nephelium lappaceum</i>	Rambutã	Árvore frutífera exótica (PANC)
<i>Pereskia aculeata</i>	Ora-pro-nóbis	Arbusto nativo; folhas comestíveis ricas em proteína (PANC)
<i>Persea americana</i>	Abacate	Árvore frutífera exótica
<i>Plinia cauliflora</i>	Jabuticaba	Árvore frutífera nativa
<i>Pouteria torta</i>	Abiu-piloso	Árvore frutífera nativa (PANC)

<i>Psidium cattleianum</i>	Araçá	Árvore frutífera nativa (PANC)
<i>Psidium guajava</i>	Goiaba	Duas variedades
<i>Ricinus communis</i>	Mamona	Utilizada como adubadeira; herbácea
<i>Saccharum officinarum</i>	Cana-de-açúcar	Três variedades
<i>Sapindus saponaria</i>	Saboneteira	Árvore nativa; frutos usados como sabão
<i>Sechium edule</i>	Chuchu	Duas variedades
<i>Solanum betaceum</i>	Tomate-de-arvore	Arbusto frutífero exótico (PANC)
<i>Solanum gilo</i>	Jiló	Fruto comestível
<i>Solanum lycopersicum</i>	Tomate	Diversas Variedades
<i>Solanum paniculatum</i>	Jurubeba	Árvore frutífera nativa; comestível; medicinal (PANC)
<i>Solanum quitoense</i>	Lulo	Arbusto frutífero nativo (PANC)
<i>Solanum sessiliflorum</i>	Cubiu	Arbusto frutífero nativo (PANC)
<i>Spondias dulcis</i>	Caja-manga	Árvore frutífera exótica (PANC)
<i>Stachys byzantina</i>	Peixinho-da-horta	Folhas comestíveis (PANC)
<i>Syagrus romanzoffiana</i>	Jerivá	Palmeira nativa
<i>Syzygium malaccense</i>	Jambo vermelho	Árvore frutífera exótica (PANC)
<i>Talisia esculenta</i>	Pitomba	Árvore frutífera nativa (PANC)
<i>Theobroma cacao</i>	Cacau	Duas variedades; nativa
<i>Tithonia diversifolia</i>	Margaridão	Utilizada como adubadeira; herbácea
<i>Tropaeolum majus</i>	Capuchinha	Folhas e flores comestíveis (PANC)
<i>Zea mays</i>	Milho	Diversas variedades

3.3 Mapeando a ecovila

Durante as visitas a campo também foram realizadas oficinas de cartografia social participativa, na perspectiva de que tais oficinas se constituem como construção coletiva de conhecimentos geoespaciais, e de que pudesse revelar diferentes referentes espaciais e atribuição de significados. (Pelegrina, 2020).

Objetivou-se, com base em oficina de cartografia social participativa realizada com moradores da ecovila Bom Lugar, analisar as sensibilidades para com e relações com o espaço e suas relações com as práticas agroecológicas e permaculturas.

A oficina se iniciou com uma conversa sobre os objetivos da pesquisa, seguida sobre uma reflexão coletiva sobre as formas de representação do espaço, ressaltando a natureza do mapa que seria elaborado na oficina, no qual o que se considera como importante em determinado espaço pode ser retratado, utilizando distância e proporções que sejam referenciais para cada indivíduo.

Durantes as oficinas buscaram-se uma construção e troca, coletiva e recíproca, de conhecimentos e saberes, assim como a utilização das reflexões e composição dos mapas na perspectiva de empoderamento da comunidade, a partir de suas práticas e conhecimento locais (Freire, 1967).

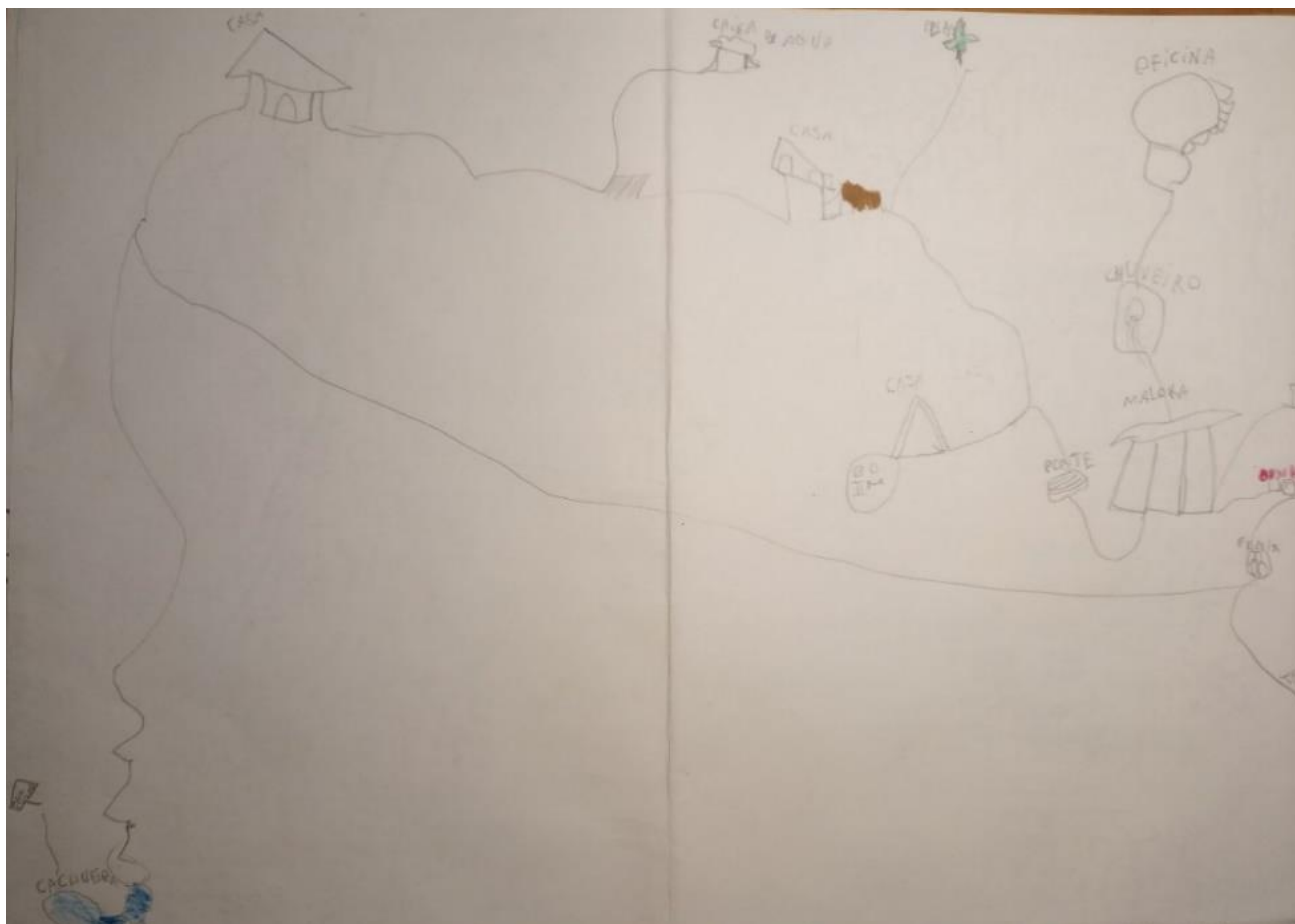
Percebeu-se que os mapas, mesmo naquele que foi elabora por uma criança que reside na ecovila, revelavam, além de conhecimentos geoespaciais do terreno, elementos e práticas relacionadas a agroecologia e a permacultura.

Mapa mental 1 – criança, 8 anos, 24/06/2024

Nesse caso (figura 2) foram retratados os seguintes elementos; cachoeira; oficina; “maloka”; estradas; caixa d’água; chuveiro; banheiros; igreja (“fênix”); ponte; horta. É interessante notar que não foi dada ênfase a representação das áreas verdes como florestas e agroflorestas, o que pode ser sintomático de uma certa “alienação” das crianças, principalmente das de criação majoritariamente urbana, em relação aos espaços de trabalho e produção, os quais são mais frequentados e vivenciados pelos adultos que os manejam. Apesar disso uma parte da infraestrutura, que está dentro da floresta, montanha acima, foi retratado: uma das caixas d’água presentes na comunidade. Além disso se observa a presença de elementos relacionados as práticas permaculturais e

agroecológicas, como a horta.

Figura 2 – Mapa mental da ecovila 1



Fonte: Trabalho de campo (2024), elaborado por morador da ecovila

Mapa mental 2 – Homem, 55 anos, 24/06/2024

Nesse caso (figura 3) foram retratados os seguintes elementos: área alagadiça; estradas; moradias; áreas/espacos coletivos; área de pasto; cachoeira; riachos e corpos d'água; apiário; áreas verdes e de conservação; torre de telefonia; ponte; viveiro de plantas; "praça hippie"; hortas. É interessante observar que foi dada grande ênfase a representação das áreas verdes, sejam de cultivo ou de floresta, inclusive com diferenciação de espécies vegetais, como bananas e outras frutíferas. Também há presença de características físicas do terreno e do solo, como a "área alagadiça", o "curso de água perene", e de elementos mais distantes, porém que funcionam como marcos geográficos referências, como a torre de telefonia e a "cachoeira de 12 metros". Além, claro, da representação das práticas agroecológicas e permaculturas, como das bioconstruções e policultivos.

Figura 4 – Mapa mental da ecovila 3



Fonte: Trabalho de campo (2024), elaborado por morador da ecovila

Mapa mental 4 – Homem, 27 anos, 27/06/2024

Nesse caso (figura 5) foram retratados os seguintes elementos: Sol; Lua; cachoeira; estradas; viveiro de plantas; igreja (fênix); banheiros; moradias (com seu apelidos) e barraca; morro no qual ecovila está inserida; áreas verdes; placa da entrada; riachos e corpos d'água. Aqui observamos a presença de elementos celestes: o Sol e a Lua. Além de denotar a característica de relevo da ecovila. Também há ênfase na retratação da cobertura verde dos terrenos, que toda todas as áreas com exceção das construções, estradas e corpos d'água. Observa-se um viés mais artístico, que buscou retratar os elementos mais importantes para o sujeito, utilizando distâncias "plásticas" para poder incorporá-los todos, ao mesmo tempo que cria uma melhor visualização do conjunto de infraestruturas, e de suas posições em relações a caminhos, estradas, rios e riachos.

Figura 5 – Mapa mental da ecovila 4



Fonte: Trabalho de campo (2024), elaborado por morador da ecovila

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo dessa pesquisa foi analisar a promoção de formas contra hegemônicas de produção do espaço, especialmente as relacionadas as práticas agroecológicas e permaculturais, na ecovila Bom lugar. Para esse fim buscou-se levar em conta aspectos como a apropriação e utilização dos recursos naturais, práticas produtivas, formas de organização comunitárias, dinâmicas sociais.

A comunidade se constitui como uma real experiência de resistência e antítese aos problemas socioambientais, econômicos, epistemológicos e políticos da crise sistêmica e multifacetada do capitalismo, que vem se desenvolvendo e resistindo, mesmo com uma série de dificuldades: o isolamento geográfico e o acesso dificultado; a falta de conexão à rede pública de abastecimento de água e energia elétrica, o que obriga os moradores a terem que captar água em nascentes na floresta e utilizarem apenas a pouco energia gerada e armazenada pelas placas solares e baterias simples; as características de clima, solo e relevo, que não são as mais favoráveis para a agricultura; e a falta de incentivo e assistência consistentes dos órgãos públicos de fomento empresarial e agrícola.

Durante as idas a campo, foram constatados na comunidade o desenvolvimento de sistemas técnicos sustentáveis associados as práticas agroecológicas e permaculturais, como a priorização da utilização de recursos de origem local, o uso controlado e racional dos recursos naturais, a existência de sistemas produtivos ecológicos, a visão de reciclagem para com a água, dejetos sólidos e materiais para construção, sistemas autossuficiente e renováveis de energia, e o respeito e a proteção ambiental ao ecossistema e a biodiversidade (que no local é intensa, em parte por avizinhar-se ao Mosaico Jureia Itatins e se inserir dentro de área com densidade de formações florestais),

No caso dos sistemas produtivos ecológicos, a ecovila trabalha com sistemas de policultivo, a saber, agroflorestas e hortas orgânicas, além de ilhas de fertilidade (pequenos policultivos localizados), e jardinagem ornamental orgânica diversas áreas do sítio. Nesses são empregadas apenas princípios e técnicas de manejo ecológicas, associadas a agroecologia, a agrobiodiversidade, adubação através de poda de plantas de rápido crescimento, Planejamento e consorciação de espécies, entre outros. Também não são utilizados insumos tóxicos e poluidores de origem químico sintética, tanto na agricultura quanto em outras atividades, com o principal intuito de evitar a contaminação dos seres humanos, animais, plantas,

águas e solo.

A comunidade também demonstra através de suas falas e dos tipos vegetais cultivados, uma grande preocupação com conservação de espécies, variedades e cultivares botânicas nativas e tradicionais (assim como as técnicas de cultivo, manejo e beneficiamento a elas associadas), que nunca foram popularizadas a nível nacional, ou que estão caindo em desuso e risco de extinção, ao serem “eclipsadas” pelas poucas espécies cultivadas pela agricultura industrial, e pelos processos associados a expansão dessa, como o êxodo rural e o abandono da agricultura tradicional. O que possui grande importância para a afirmação cultural de comunidades e agricultores tradicionais, a segurança e diversidade alimentar, assim como para programas de pesquisa genética e desenvolvimento de novas variedades agrícolas.

Nesse mesmo sentido, na ecovila Bom Lugar, são desenvolvidas as práticas da apicultura e meliponicultura, principalmente para o consumo e uso na comunidade, com fins medicinais e alimentícios, do mel, própolis e cera, e para intensificar a polinização dos gêneros agrícolas cultivados, assim como uma eventual comercialização em pequena escala de algum desses produtos. Essas atividades têm grande importância, não apenas para a saúde e segurança econômica e alimentar da comunidade, mas para a conservação de espécies (principalmente no que concerne à meliponicultura) e viabilização das práticas agrícolas através da presença de polinizadores que geraram frutos onde um dia havia flores.

No âmbito da priorização da utilização de recursos de origem local, do uso controlado e racional dos recursos naturais, e da visão de reciclagem, foram observados construções erguidas utilizando matérias naturais, como o bambu, o barro, palha e a madeira, ou reutilizados, como garrafas de vidro, pneus, madeiras de demolição e outros, assim como estruturas e procedimentos relacionados ao saneamento ecológico, tais como banheiros secos, filtros biológicos de água, e o reaproveitamento de rejeitos que são compostados para a adubação. Essa são características da ecovila que servem para diminuir ou cessar a poluição da área e a compra de insumos externos como o cimento e o eucalipto, e proporcionar recursos orgânicos que podem ser reutilizados na propriedade.

Já com relação a existência de sistemas autossuficiente e renováveis de energia e o respeito e a proteção ambiental ao ecossistema e a biodiversidade, foi

constatado que a comunidade mante cerca de 90% de sua área como reserva florestal, além de manifestarem e praticarem uma postura preocupada com a conservação do ecossistema e de seus entes, e utiliza, para obtenção de eletricidade, apenas o recurso renovável da energia solar.

Além disso, a ecovila promove a educação ambiental, o ecoturismo, e o pratica o um comunitarismo intenso, através de mutirões, cursos, vivências, convivência cotidiana, da natureza coletiva de uso e posse da maioria do sítio, revelando valores de solidariedade e justiça social ambiental e de gênero, como foi também revelado pelas entrevistas.

Vale ressaltar que nas mesmas entrevistas, a vivência comunitária também foi apontada como uma das principais dificuldades da comunidade, sendo os indivíduos conscientes de que esses atritos ocorrem em função da necessidade de trabalhar o individualismo internamente construído pela sociedade contemporânea.

A articulação, a troca de saberes e a cooperação que ocorre entra a ecovila e outros agentes e espaços contra hegemônicos, e entre os integrantes da comunidade, igualmente demonstram um alinhamento no que se refere a agroecologia e a permacultura enquanto movimentos sociais e práticas agrícolas e comunitárias socioespaciais contraculturais.

Sendo assim, essa experiencia se constitui como de grande importância para uma região que é, ainda, tão rica em natureza, mas tão subdesenvolvida do ponto de vista econômico. Ressignificando o espaço geográfico em que está inserido, através da adoção de formas solidarias de organização e trabalho, e da utilização de práticas de manejo do ambiente que geram efeitos sintrópicos e regenerativos para o ecossistema a sua biodiversidade, ao mesmo tempo que produz alimentação diversificada e livre de contaminantes.

Nesse sentido, o estudo da promoção e adoção de formas espaciais como a pratica da agricultura agroecológica, bioconstrução, energias renováveis, mutirões, cuidados com a biodiversidade, ecossistemas e os recursos hídricos, uso de materiais locais, visão de reciclagem, a realização de eventos, vivências e oficinas voltadas a saberes ancestrais e educação ambiental, práticas e técnicas baseadas em princípios da agroecologia e da permacultura, do ecologismo, do movimento contra cultural, configuram a comunidade como verdadeira construtora de espacialidades, na qual os movimentos espaciais contra culturais e contra

hegemônicos experimentam com novas formas de produzir o espaço, de viver e de se relacionar com a natureza o mundo e o outro

Durante a pesquisa com a comunidade, com a qual já existia uma proximidade pessoal, e o aprendizado mais aprofundado sobre sua história, a história de seus integrantes, assim como seu contexto histórico e geográfico, e mais a fundo sobre seu funcionamento, ocorreu uma mudança de perspectiva por parte do pesquisador. Essa se dá no sentido de conceber a ecovila Bom Lugar como agente empoderado de experiências de grande importância para a construção da possibilidade de uma nova forma de agricultura, de vivência comunitária e rural, assim como de um prospero e conservado Vale do Ribeira e um novo mundo.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, M. A. **Agroecologia**: As bases científicas da agricultura alternativa. Rio de Janeiro: PTA/Fase, 2. Ed. 1989

_____. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. Tradução Rosa L. Peralta, Eli Lino de Jesus e Patrícia Vaz. 3. ed. Rio de Janeiro: Expressão Popular, AS-PTA, 2012. 400 p.

ANDRADES, T. O.; GANIMI, R. N. **Revolução verde e a apropriação capitalista**. CES Revista, Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, v. 21, p. 43-56, 2007. Disponível em: <http://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2007/revolucao_verde.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2024.

ARAUJO, M. C. R.; CASTRO, R. V. de. **Santo Daime**: Teoecologia e adaptação aos tempos modernos. Rio de Janeiro , v. 9, n. 2, set. 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812009000200017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 jun. 2024.

BOMBARDI, L. M. **Intoxicação e morte por agrotóxicos no Brasil**: a nova versão do capitalismo oligopolizado. São Paulo: Boletim DATALUTA, 2011. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/nera/artigodomes/9artigodomes_2011.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2024.

BOFF, L. **Princípio-Terra**: a volta à Terra como pátria comum. São Paulo: Ática, 1995, 80 p.

_____. **O cuidado essencial**: princípio de um novo *ethos*. Revista Inclusão Social, Brasília. v.1, n.1, p. 28-35, 2005.

COLUCCI, D. G; SOUTO, M. M. M. **Espacialidades e territorialidades: conceituação e exemplificações. Geografias: Artigos Científicos**. Belo Horizonte 07 (1) 114-127 janeiro-junho de 2011.

DELGADO, G. C. **Expansão e modernização do setor agropecuário no pós-guerra**: um estudo da reflexão agrária. Estudos Avançados, v. 15, 43, p. 157-172, set./dez. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142001000300013&script=sci_arttext>. Acesso em: 8 jun. 2024.

DESIGUALDADES crescem no mundo, principalmente nos Estados Unidos. São Paulo, 14 dez. 2017. **Revista Exame**. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/economia/desigualdades-crescem-no-mundo-principalmente-nos-estados-unidos/>>. Acesso em 19 jun. 2024.

FERREIRA, J. S. W.; FERRARA, L. A formulação de uma nova matriz urbana no Brasil, baseada na justiça socioambiental. In: BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Sustentabilidade urbana: impactos do desenvolvimento econômico e suas consequências sobre o processo de urbanização em países emergentes: textos para as discussões da Rio+20**. Volume 3 - Habitação social e sustentabilidade. Brasília: MMA, 2015, p. 11-51.

FERREIRA, R. S. **Capitalismo, ciência e natureza**: do ideário iluminista do progresso à crise ambiental contemporânea. Viçosa-MG: Edição do autor, 2017.

FRANCISCO, M. L. **A ecoimigração**: uma dinâmica migratória para o espaço rural. In: CONGRESSO DE ESTUDOS RURAIS, 2, 2007, Angra do Heroísmo, Açores-Portugal. Anais eletrônicos. Angra do Heroísmo, Açores-Portugal: Universidade dos Açores, 2007. Disponível em: <https://sper.pt/oldsite/IICER/pdfs/Tema2/M_Francisco.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2024.

FREIRE, P. **A educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia**: processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: Editora Da UFRGS, 2000. 654 p.

GOTSCH, E. **O Renascer da agricultura**. 2º Edição. Ed: As-PTA. Rio de Janeiro, 1996.

HARVEY, D. **Espaços de Esperança**. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

HOFFMESTER, S. G. S.; et al. **Sistema Agroflorestal Biodiverso: Restauração ecológica e educação ambiental**. Revista GeoPantanal, UFMS/AGB. Corumbá/MS. N. 26. P. 33-47. jan./jun. 2019.

JABBOUR, E.; GABRIELE, A. **China: O Socialismo do Século XXI**. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, v. 1. 2021. 312 p.

JACINTHO, C. R. S. **Permacultura: noções gerais**. Universidade Católica de Brasília - UCB, Pró-reitora de Extensão - Proex, Brasília, DF, 2002

KINUPP, V. F. **Plantas alimentícias não-convencionais da região metropolitana de Porto Alegre, RS**. 2007. 562 f. Tese (Doutorado em Fitotecnia) - Faculdade de Agro- nomia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/12870>>. Acesso em: 8 jun. 2024.

_____.; LORENZI, H. **Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC's) no Brasil**: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2014.

LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana do mundo moderno**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

LORENZI, H.; et al. **Frutas no Brasil**: nativas e exóticas (de consumo in natura), 1 ed. Nova Odessa-SP: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2015. 736 p.

_____.; et al. **Árvores e arvoretas exóticas no Brasil**, 1 ed. Nova Odessa-SP: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2018. 448 p.

_____. **Plantas para jardim no Brasil**: herbáceas, arbustivas e trepadeiras, 3 ed. Nova Odessa-SP: Jardim Botânico Plantarum, 2022. 1088 p.

_____. **Árvores brasileiras**: Manual de Identificação e Cultivo de Plantas Arbóreas Nativas do Brasil, Vol. I, 5 ed. Nova Odessa-SP: Instituto Plantarum, 2008. 368 p.

_____. **Árvores brasileiras**: Manual de Identificação e Cultivo de Plantas Arbóreas Nativas do Brasil, Vol. II, 2 ed. Nova Odessa-SP: Instituto Plantarum, 2002. 368 p.

_____. **Árvores brasileiras**: Manual de Identificação e Cultivo de Plantas Arbóreas Nativas do Brasil, Vol. III, 1 ed. Nova Odessa-SP: Instituto Plantarum, 2009. 368 p.

_____.; et al. **Flora brasileira: arecaceae (palmeiras)**, 1 ed. Nova Odessa-SP: Instituto Plantarum, 2010. 368 p.

MARICATO, E. **Para entender a crise urbana**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

_____. **Brasil, cidades**: alternativas para a crise urbana. Petrópolis-RJ: Vozes, 2001.

MARQUES, M. I. M. **Natureza e sociedade**. In: Ana Fani Alessandri Carlos; Rita de Cássia Arriza da Cruz. (Org.). A necessidade da geografia. 1ed. São Paulo: Contexto, 2019, p. 175-190.

MÉSZÁROS, I. **A crise estrutural do capital**. 2 ed. rev. e ampliada. São Paulo: Boitempo, 2011.

MOLLISON, B. **Introdução a Permacultura**. Tradução André Luís Soares. NA/SDR/PNFC. Brasília, DF, 1998.

MORAES, A. C. R. **Ideologias geográficas: espaço, cultura e política no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1988. 156p.

NASCIMENTO, F. B.; SCIFONI, S. **A paisagem cultural como novo paradigma para a proteção**: a experiência do Vale do Ribeira- SP. Revista CPC, v. 0, n. 10, p. 29-48, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v0i10p29-48>>. Acesso em: 2 jun. 2024.

BONFÁ NETO, D. B; SUZUKI, J. C. Cartografia social participativa desvelando territorialidades no Pacífico Colombiano. **Revista Interdisciplinar em Educação e Territorialidade–RIET**, v. 1, n. 1, p. 116-136, 2020.

NETO, N. E. C.; et al. **Agroflorestando o mundo de facão a trator**. Barra do Turvo: 2016, p. 125 Disponível em: <https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1935293/mod_resource/content/1/agroflorestando-o-mundo.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2024.

PEDROSO, Maria Thereza Macedo. **Agricultura Familiar Sustentável**: Conceitos, experiências e lições. 110 p. Dissertação de Mestrado - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, 2001.

PELEGRINA, M. A. Cartografia social e uso de mapeamentos participativos na demarcação de terras indígenas: o caso da TI Porto Limoeiro-AM. **Geus – Espaço e tempo**, v. 24, n. 1, p. 136-152, 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/gols/article/view/138814/160406>>. Acesso em: 20 jun. 2024.

PEREIRA, C. A. M. **O que é contracultura**. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PETERSEN, P. **Agroecologia em construção**: terceira edição em um terceiro contexto (Prefácio). In: ALTIERI, Miguel. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3 ed. São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular, AS-PTA, 2012, p. 7-14.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. 461 p.

_____. **O desafio ambiental**. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 182.

PRIMAVESI, A. **Agroecologia: Ecos fera, Tecnosfera e Agricultura**. São Paulo: Nobel, 1997.

_____. **Agroecologia: solo - planta - água - nutrição – saúde**. Cati 36 anos – Encontro de Agroecologia, Campinas, SP, 2003.

ROSA, A. V. **Agricultura e meio ambiente**. São Paulo: Atual, 1998. 95 p.

SACHS, I. **Estratégias de transição para o século XXI**: desenvolvimento e meio ambiente. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

SANTOS JÚNIOR, S. J. **Zelosamente habitando a terra**: ecovilas genuínas, espaço geográfico e a construção de lugares zelosos em contextos contemporâneos de fronteiras paradigmáticas. Universidade Federal da Bahia. 2016.

_____.; PROST, C.; BARTHOLO, R. Meio ambiente, civilização e espaço geográfico. **Ecovilas genuínas e o modo de ser e habitar zeloso**. Geografia no Século XXI Volume 6. multiterritorial idade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 3ª ed. São Paulo: EDUSP, 2002

_____. **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia**. 3ª ed. São Paulo: EDUSP, 2002.

_____. **Por uma outra globalização**. Do pensamento único à consciência universal. 9ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente. **Parque Estadual Serra do Mar**. São Paulo, [s. d.]. Disponível em: <<https://www.saopaulo.sp.gov.br/conhecasp/parques-e-reservas-naturais/parque-estadual-serra-do-mar/>>. Acesso em: 4 jun. 2024.

SILVA, L. F. M. **Ilusão concreta, utopia possível: contraculturas espaciais e permacultura (uma mirada desde cone sul)**. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 2013.

SILVA, L. F. M. Viver de forma sustentável ou contribuir para a sustentabilidade do capital? As contradições que permeiam a práxis das ecovilas em tempos neoliberais. **Revista Geografias**, v. 15, n. 1, p. 41-53, 2014.

VENTURI, L. A. B. Geografia: **práticas de campo, laboratório e sala de aula**. São Paulo: Sarandi, 2011.

VETTORAZZI, C. A., & ÂNGULO FILHO, R. **Caracterização de solos do Vale do Ribeira de Iguape no Estado de São Paulo através de índices de relevo**. Anais Da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, 43(2). 1986. 517–536 p. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0071-12761986000200009>>. Acesso em: 12 jun. 2024.

WALLERSTEIN, I. M. **O fim do mundo como o concebemos**: ciência social para o século XXI. Trad. de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

APÊNDICES

Entrevista 1 - Mulher, 36 anos, 25/06/2024

PQ – Poderia compartilhar um pouco de sua história de vida e o que a motivo a se juntar a ecovila?

EN – Desde pequena eu gostava de natureza, animais acampar. Ai depois quando terminei o colegial fui fazer técnico em meio ambiente, e então apareceu, mais alguns dois anos depois a oportunidade de fazer parte da fundação da ecovila. Eu sempre tive vontade de morar em um lugar mais rural, um sítio né... E a vida em comunidade, quando tomei conhecimento, passou a me atrair.

PQ – Quais valores de vida você busca promover e praticar vivendo em uma ecovila?

EN – Olha... A gente sempre busca solidariedade, responsabilidade, n... empatia, tolerância, generosidade, né... é sempre um exercício assim, pra todo mundo...,Mas acho que assim, são os principais né... responsabilidade, empatia, tolerância.

PQ – Como se dão as tomadas de decisão e a organização do trabalho na comunidade?

EN – Com reuniões. A gente se reúne e toma as decisões principais. Ai quando é alguma coisa mais secundária, a gente cria grupos de trabalho que tomam assim, pequenas decisões, e aí se dentro desse, tiver alguma coisa que precisa ser aprovada pelo coletivo. senão tudo bem, o grupo de trabalho tem autonomia para tomar pequenas decisões. Nas reuniões também, a gente decide um cronograma de prioridades. Elenca elas, e aí vai agendando os dias de mutirão, quando a gente se reúne e resolve essas pendências. Ai a gente vê. Se resolveu num dia só, beleza. A gente passa pro próximo. Se não resolveu a gente pega mais um dia de mutirão nesse mesmo ponto.

PQ – Como a vivência na comunidade e a ecovila em si fazem parte da sua vida?

EN – É complexo né, porque eu vivo ao lado da ecovila, e não na ecovila ainda. Já que não tenho a casa construída lá.

PQ – Mas aí você ta falando da ecovila espaço físico né? Você vive

intensamente a comunidade. Qual o tamanho disso na sua vida?

EN – Ah! Acho que praticamente é a parte principal né? É o que a gente vive. O coletivo ali, o calendário, as decisões. Tudo girando muito em torno dessa vivência da ecovila.

PQ – Como você vê o futuro da ecovila?

EN – Hum... Agente sentado na varada vendo o pôr do sol. O deck de yoga, também. As crianças brincando no parquinho. Mas é legal né, que a gente tenha uma horta funcionando que de uma parte legal da alimentação, algum tipo de escolinha também é interessante, a parte de receber as pessoas também é interessante. Uma casa de hóspedes e voluntários assim também é legal. As casas dos moradores, já tendo uma parte construída, em andamento. E estar apta para receber todo mundo né? Voluntários, parentes, visitantes... e tempo pra aproveitar.

PQ – Quais foram os principais desafios que enfrentou desde que se juntou a ecovila? E quais lições você aprendeu?

EN – Ah... desafio é por que em nenhum momento da nossa sociedade agente é educado pra uma vida comunitária né? A gente é educado numa vida num pequeno núcleo. Papai, mamãe, um filho dois ali, no máximo. Um ou outro evento que tem um pouco mais, de tios, avós, algo assim. A gente não é nem um pouco preparado prum compartilhar assim... em grandes proporções. Então isso dá um certo trabalho né? Abrir mão das coisas dos jeitos que você gostaria exatamente assim. As coisas não vão acabar se realizando do formato que você queria. E isso não é ruim também. Não quer dizer que seja ruim só porque não ficou do jeito da sua cabeça. E... e abrir mão do eu pelo nós, pelo coletivo. Então muitas vezes você tem que abrir mão, então, ao invés de construir a sua casa na ecovila, a gente construiu uma cozinha coletiva, uma sala de estar coletiva. Isso daí já é uma coisa que é um pouco mais doloroso pra uns, um pouco menos pra outros assim né? Mas faz parte do processo.

PQ – Como você vê o impacto da ecovila no seu desenvolvimento pessoal? Sente que cresceu em algum aspecto da sua vida?

EN – Ah sim! Nos aspectos de viver coletivamente né? Isso daí até quando vem visitante assim, fala, nossa, mas como que vocês conseguem né? Viver, conviver todos juntos. Compartilhar as coisas, dividir uma cozinha né? Esses lances assim da rotina, mais assim, que as vezes cada um é mais apegado ao formato que cada um faz né. Te dá esse desapego aí na hora de lidar com umas questões

mesmo, como eu disse, aquilo que a gente não é acostumado de viver, compartilhando um núcleo maior.

Entrevista 2 - Homem, 54 anos, 25/06/2024

PQ – Poderia compartilhar um pouco de sua história de vida e o que a motivo a se juntar a ecovila?

EN – Ah... bastante coisa. Primeiro, foi o momento. O momento foi um momento de me reagrupar com pessoas da mesma vibração né? E aí acabei primeiro vindo visitar a ecovila, antes de fazer parte do grupo, mas eu já conhecia a maior parte das pessoas. E quando eu fiz essa visita então, eu reencontrei pessoas de muito tempo, que não via, e conheci pessoas novas também que se alinhavam com esse meu propósito de me reagrupar com outras pessoas né? E a partir daí que eu passei a frequentar mais mesmo a turma, e o local, o Bom lugar. E começo da pandemia que eu acabei fixando pra cá né? Fiquei direto e não voltei mais. Gostei. Ficou bom.

PQ – Quais valores de vida você busca promover e praticar vivendo em uma ecovila?

EN – Tá. Desde o princípio né, à chegada aqui, foi mais as coisas mais naturais mesmo assim. Então eu já vinha praticando algumas coisas na cidade grande né? Com alimentação... com outras práticas assim. E isso pra cá veio também de uma forma legal, por que muita gente não conhecia algumas práticas que eu já aplicava pra minha vida, e muitas coisas que as pessoas também aplicavam para as suas vidas também acabaram se somando com as coisas que eu já praticava entendeu? E isso tudo foi enriquecendo. Eu não lembro mais o resto da pergunta.

PQ – Então, aí você citou a questão da alimentação natural, que outros valores que...

EN – A vida em comunidade né? A vida em comunidade aqui... quando então fechamos a família aqui na época da pandemia, ela ficou bem, bem, bem centrada mesmo nisso. Éramos só nós né? E tínhamos que conviver com aquela situação, de privação de liberdade né? Vamos dizer assim... mas a gente tinha uma grande liberdade no nosso espaço, pois é um espaço muito grande. Então isso acabou facilitando muito comparando com quem tava vivendo em apartamento, em lugares menos assim na cidade grande, entendeu? Aqui a gente

tava no céu né? Muito mais tranquilo, tal... Isso também me agregou muito valor assim. a convivência comunitária, todas as descobertas. Inclusive discutir. Discutir, brigar também fez parte desse processo que foi bastante enriquecedor.

PQ – Como se dão as tomadas de decisão e a organização do trabalho na comunidade?

EN – Então. Normalmente a gente faz reuniões para decidir um planejamento que nós vamos seguir. E aí partir dessa decisão comum...todo mundo concorda, tal... E com bases nas necessidades né? As necessidades ou mais urgentes, ou menos urgentes, a gente vai organizando a forma aí de realizar, entendeu? Aí a partir daí marca-se os mutirões, né? E aí, também até a parte financeira desses mutirões a gente acaba dividindo entre nós mesmo assim né? Que acaba tendo custos né? Materiais que a gente vai precisar... tal... ah! “Vamos fazer um ratatá?”. Tem uma comunidade que participa também do Bom lugar, mas que não é morador. Então essas pessoas também são convocadas quando a gente vai fazer uma benfeitoria no espaço, essas pessoas também são convocadas a contribuir né? Se tiver contribuição financeira por exemplo né? E a contribuição da mão de obra né? E as vezes isso acontece. As vezes vem um pessoal de são Paulo também pra contribuir conosco aqui nos trabalhos e nas coisas. Mas o grosso mesmo é dos moradores. Os moradores mesmo é que acabam fazendo a maior parte das coisas aqui para acontecer.

PQ – Como a vivência na comunidade e a ecovila em si fazem parte da sua vida?

EN – **Ah**, Agora não me vejo em outras situações, fora do Bom lugar assim... Eu vou pra São Paulo ainda né? Meus parentes, meus pais ainda são vivos, tal... Quando vou pra lá eu fico meio perdido sabe? Tipo coisa simples assim ó... fazer xixi no mato. Em são Paulo não dá, entendeu? Então isso pra mim já ficou parte do meu cotidiano assim. Então eu faço umas coisas aqui, que lá não dá. “Ah, quero fazer uma fogueira a noite por que tô com frio”. Não dá pra fazer isso em São Paulo. E aqui é o natural. Então já ta bem incorporado em mim assim... várias coisinhas pequenas daqui, e coisas grandes também, que não dá pra fazer em outro lugar. Não dá pra viver na mesma intensidade isso em outro ponto, em uma cidade, assim...

PQ – Como você vê o futuro da ecovila?

EN – Então... Eu ainda não fico pensando muito no futuro da ecovila por

que ainda tem muito a construir, assim, do meu ponto de vista né? As casas mesmo, elas tão ainda, a maior parte delas, no plano ainda das ideias. Algumas já tem projeto, tudo e tal, mas ainda as estruturas físicas ainda não foram totalmente desenvolvidas assim né? Então, eu penso um pouco mais no agora. Por que no futuro eu não sei nem como vai ser. Também não sei nem se eu vou estar aqui né? Mas eu vejo assim, ó... Por exemplo, as crianças que tão vindo, que nos acompanharam até aqui e que já começaram a crescer mais, chegaram aqui, a quatro anos atrás. Ai cê já vê meio pré-adolescente agora. Ai cê já vê que tem uma outra coisa agora, né? Os nenês que vem chegando... Então cê já fica imaginando, “Pô como é que será que vai ser daqui a dez anos?”. Claro que isso tem na cabeça né? E é bem legal até de imaginar. Mas, eu consigo ver assim, ó. A estrutura ali montada das pessoas convivendo, morando um pertinho do outro ali né? Porque a gente já mora. Mas não do jeito que a ecovila foi planejada pra ser desenhada né? A gente mora de uma forma mais simples, no momento. E fico imaginando isso mais desenvolvido. Sei lá, com quintais, com brinquedos, com coisas, com praças onde todos também possam sentar e continuar né? Fazendo a fogueirinha ali a noite. Tocar violão. Essas coisas...

PQ – Quais foram os principais desafios que enfrentou desde que se juntou a ecovila? E quais lições você aprendeu?

EN – Tá. O principal desafio é a convivência. Esse é o principal, pra mim assim, entendeu? Convivência com pessoas que são diferentes, né? No plano das ideias, conviver com quem tu andas a bastante tempo, parece bem simples. Mas na prática também tem, tem ajustes a se fazer, né? Mas com pessoas que você nunca conviveu, né, aí exige um pouco mais de esforço, assim. As vezes o esforço de querer menos. Não de quere mais do outro. Mas de quere menos. Exigir menos. Pra mim é um grande esforço. Um grande aprendizado. Exigir menos, né? Não ficar esperando muito não. Assim, ó, o negócio é aquele ali e tal, mas pode ser que seja menos então...Ta tudo certo. Ta tudo bem. E vamos seguindo!

PQ – Como a ecovila impactou no seu desenvolvimento pessoal?

EN – Ah, impactou positivamente, e de uma forma que eu não esperava mais. Basicamente assim: eu passei uma vida, anterior, com casamento, com outras coisas e tal. Quando isso acabou, pra mim era tipo, a derrota né. Teve aquela fase bem ruim mesmo assim. Depois teve outros acontecimentos da vida

que foi passando e tal. Mas quando eu cheguei na Ecovila... sinceramente, assim... a primeira visão que eu tive do povo, no dia que eu cheguei mesmo, né? Foi de... assim: “Caramba, onde é que esse povo tava? Que eu não tinha achado ainda, né?”. Muitos que eu já conhecia, e alguns que eu não conhecia. Mas era um povo animado, era um povo que trabalhava feliz, dando risada assim, ó. Fazendo coisas bem complicadas, mas fazendo coisas felizes da vida. E... eu já tinha meio que visualizado isso, né? Nos anos...bem antes, na minha vida, né? Mas chegou num ponto que cheguei a pensar que não ia encontrar mais uma galera assim, né? E não que eu me preocupasse..., mas eu desejava reencontrar uma galera assim. E isso aconteceu no dia que eu pisei na ecovila a primeira vez. Eu nem fazia parte do coletivo, ainda. Eu era tipo um visitante também, né? Com amigos que eram proprietários já, né. E, a partir daí, eu quis também fazer parte. Na verdade, já tinha sido convidado antes da compra da terra, pra fazer parte. Mas nas épocas eu achei que ia ser uma barca furada. “Ih, esse negócio aí... coisa esquisita. Nem conheço esse povo, e tal...” E não conhecia mesmo. Depois quando houve o interesse, aí eu já tava conhecendo também as pessoas, e aí foi super agradável e tal. O impacto foi superpositivo. Mudou bastante coisa assim, no sentido das perspectivas que eu já não tinha mais, né? Ou que eu achava que não ia encontrar mais. E reencontrei. Foi bem... foi meio que um mix de sorte e felicidade assim. Com tudo que se passa, né? Não é mil maravilhas o tempo todo. Tem bastante coisa que trabalha ainda na mente. Mas, contudo, que se passa...da sempre pra olhar um horizonte legal. Um horizontem bem sem fim ainda. Bem bacana.

Modelo termo de autorização de uso de imagens e depoimentos

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu _____, CPF _____, RG _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), **AUTORIZO**, através deste termo, o pesquisador Nicolas Bollini Lima, do projeto de pesquisa intitulado “*Espacialidades agroecológicas e permaculturais na ecovila Bom Lugar, Pedro de Toledo, SP*” a realizar as fotos e/ou vídeos que serão necessárias e/ou meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, **LIBERO** a utilização destas fotos e/ou vídeos (suas respectivas cópias) e/ou depoimentos somente para fins científicos e de estudos (livros, artigos e slides), em favor da pesquisa anteriormente citada, porém não devo ser identificado por nome ou qualquer outra forma.

Por ser a expressão da minha vontade assino a presente autorização, cedendo, a título gratuito, todos os direitos decorrentes dos elementos por mim fornecidos, abdicando do direito de reclamar de todo e qualquer direito conexo à minha imagem e/ou som da minha voz, e qualquer outro direito decorrente dos direitos abrangidos pela Lei 9160/98 (Lei dos Direitos Autorais).

Participante da Pesquisa

Pesquisador Responsável pela Pesquisa